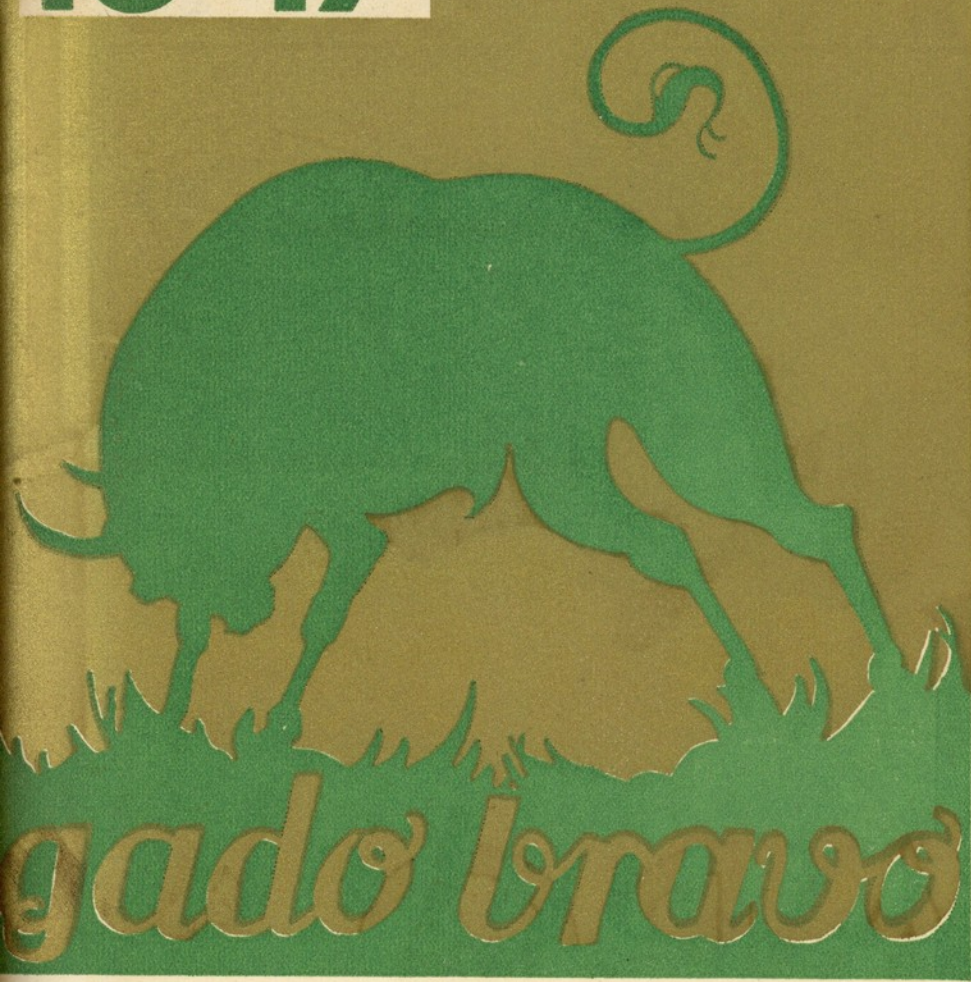


16-17

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO



Movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

5\$00



NALLY

E

BENAMOR

**MARCAS DE
FAMA MUNDIAL**

Entre as várias criações de 1934
destaca-se o **MAGNIFICO BATON**,
cientificamente preparado, em
todos os tons, à prova de beijos
e delicadamente perfumados.

Sociedade de Perfumarias Nally, L.^{DA}

Filial no Porto: Rua Sá da Bandeira. 136 - 2.º — Telefone, 6146

PORTO

L I S B O A

COIMBRA

SÃO JOÃO

MATINÉE
DE 22 DE FEVEREIRO
OU 1 DE MARÇO
DE 1934

50 0/0

2 ENTRADAS

O DE ON

QUALQUER MATINÉE
ATÉ
1 DE MARÇO

50 0/0

1 ENTRADA

CENTRAL

MATINÉE
DE 23
DE FEVEREIRO

50 0/0

1 ENTRADA

CONDES

QUALQUER MATINÉE
(Excepto aos Domingos)
ATÉ
1 DE MARÇO

25 0/0

1 ENTRADA

TIVOLI

MATINÉE
DE 25
DE FEVEREIRO
DE 1934

30 0/0

1 ENTRADA

TEATRO
AVENIDA

MATINÉE
DE 25
DE FEVEREIRO
DE 1934

30 0/0

1 ENTRADA

B R A G A

A V E I R O

TEATRO-CIRCO

MATINÉE
DE 25
DE FEVEREIRO
DE 1934

50 0/0

1 Entrada de plateia

TEATRO
AVEIRENSE

MATINÉE
DE 25 DE FEVEREIRO
DE 1934

30 0/0

1 ENTRADA

T O M A R

F I G U E I R A D A F O Z O V A R

— TEATRO —
DE TOMAR

SOIRÉE
DE 22
DE FEVEREIRO
DE 1934

25 0/0

1 ENTRADA

— TEATRO —
DE TOMAR

SOIRÉE
DE 1
DE MARÇO
DE 1934

25 0/0

1 ENTRADA

TEATRO
PENINSULAR

SOIRÉE
DE 22
DE FEVEREIRO

30 0/0

1 ENTRADA

TEATRO
PENINSULAR

SOIRÉE
DE 1
DE MARÇO

30 0/0

1 ENTRADA

CINE-OVAR

MATINÉE
DE 25
DE FEVEREIRO
DE 1934

50 0/0

1 ENTRADA

Vila do
Conde

A L G É S

Famalicão

C r u z
Quebrada

TEATRO AFONSO
— SANCHES —

QUALQUER MATINÉE
ATÉ
1 DE MARÇO

50 0/0

1 ENTRADA

CINEMA
KURSSAL

ESPECTÁCULO
DE 21
DE FEVEREIRO

50 0/0

1 ENTRADA

CINEMA
KURSSAL

28 DE FEVEREIRO

50 0/0

1 ENTRADA

TEATRO
OLIMPIA

QUALQUER SESSÃO
ATÉ 1
DE MARÇO
DE 1934

40 0/0

1 ENTRADA

CINE-PRAIA

QUALQUER
ESPECTÁCULO ATÉ
1 DE MARÇO

20 0/0

1 ENTRADA

movimento

números 16 e 17

quinzenário cinematográfico

Fevereiro

1 9 3 4

capa, comp. e imp. da
tip. costa carregal
tr. passos manuel, 27
p o r t o

propriedade de
armando e armando

assinaturas:
6 números — 9\$00
12 números — 18\$00
avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto

este número foi visado pela comissão de censura

MOVIMENTO

**é impresso em papel
fornecido pela casa**



Cruz, Sousa & Barbosa, Lim.

Rua 31 de Janeiro, 165 - 1.º — Telefone, 2753 — PORTO

**Sempre em armazem: Papeis
para revista, livro e jornal.**

**Papeis de escrita, couchés,
fantazias, embalagem, etc.**

**Cartolinas, papelão, cartão
madeira, duplex, etc.**

Agfa





RIOBOM

PELES DE LUXO

P O R T O

CAFÉ
BEL

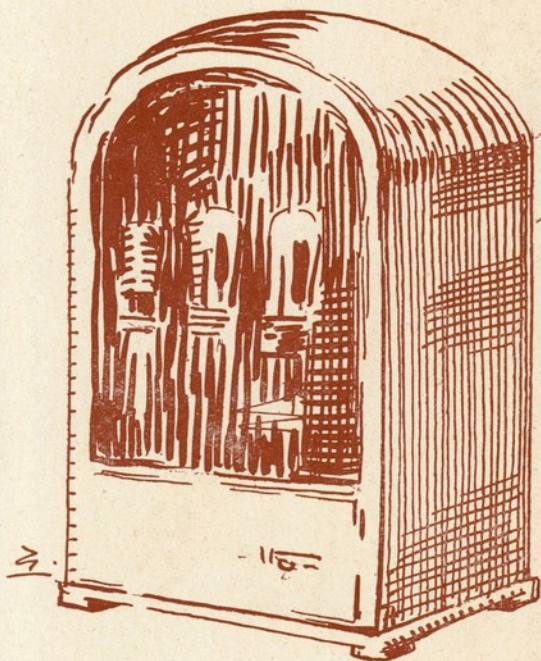


CASA DA AFRICA

Rua Sá da Bandeira, 343 ☞ Telefone, 6256 ☞ PORTO

OIÇA

A VOZ DO
MUNDO



CROSLEY RADIO

CASA FORTE

S. A. R. L.

Rua Sá da Bandeira, 281

Rua Santa Catarina, 20

Telefone, 2425 — PORTO



NOS SPORTS DE INVERNO

TRICOT

NONPAREIL

Avenida dos Aliados, 116-2.º

PORTO

EDITORIAL

Dentro de breves dias estrear-se-á a primeira grande produção do «Bloco H. da Costa» que António Lopes Ribeiro realizou e se chamará GADO BRAVO. O presente número pretende completar o ambiente de interesse e facilidade que temos creado à volta deste filme. E isto porque temos a convicção de que, auxiliar um filme português é, ao mesmo tempo, auxiliar a produção cinematográfica nacional.

Muita gente se tem admirado com a larga publicidade feita nas páginas de «Movimento» ao filme do Bloco H. da Costa. É tolice. Esta publicidade é perfeitamente coerente com as nossas ideias. Primeiro, porque GADO BRAVO é um FILME PORTUGUÊS, digam o que disserem certos patriotas de trazer por casa; segundo, porque a inteligência e a actividade de H. da Costa são razões poderosas para lhe concedermos a nossa confiança; terceiro, porque GADO BRAVO não é um filme nacio-

nalista, o que, para nós, tem uma importância enorme. Além destas, possuímos várias outras razões. Mas não interessa dizê-las, de momento.

Os desenhos do presente número de «Movimento», são da autoria de Carlos Carneiro, distinto pintor portuense e nosso querido amigo.

No próximo número, será GADO BRAVO criticado pelo nosso camarada Alves Costa, com absoluta imparcialidade, como sucede, de resto, com qualquer filme. É bom que todos se convençam de que a publicidade não impossibilita a crítica.

Feito este número especial, «Movimento» está pronto a fazer outro, a propósito de qualquer filme, desde, é claro, que as nossas condições sejam aceites.





H. DA COSTA, (*director de produção*)—Desde 1926 que dedica exclusivamente ao cinema a sua prodigiosa actividade. Estabelecido em Paris, rapidamente conquistou pelas suas extraordinárias qualidades de comerciante-artista, a confiança e a simpatia do meio, onde hoje ocupa um lugar de primeira plana. Raul Lopes Freire, Mello, Castelo Branco, a Sociedade Geral de Filmes, etc., devem-lhe os seus maiores êxitos. Assim começa a famosa «Seleção H. da Costa», marca que o público reconhece com o selo de garantia dum bom espectáculo. Em 1929, de acôrdo com uma firma alemã, produziu o filme silencioso «Fraulein Lausbub», trazendo Dina Gralla e Arthur Duarte a Portugal. Desempenhou um importantíssimo papel na produção da «Severa», gizando a parte técnica e comercial, pondo René Clair em contacto com Leitão de Barros, e ajudando-o financeira e desinteressadamente a conclui-la em circunstâncias particularmente difíceis. Pôde dizer-se que, sem o valioso e oportuno concurso monetário de H. da Costa, a «Severa» nunca teria talvez ocupado as telas onde tem corrido. Nêsse mesmo ano, abriu em Lisboa a Agência Cinematográfica H. da Costa, que desde logo se notabilizou pela variedade e valôr dos seus programas, e que é hoje, sem dúvida, a mais importante casa portuguesa de distribuição de filmes. Em 1932 inaugurou em Madrid a Cinematográfica H. da Costa, que possui a melhor instalação de todas as casas cinematográficas madrilenas, e dia a dia aumenta de expansão. Em Maio de 1933, fundou o Bloco H. da Costa, de que é presidente, iniciando em Junho a produção do filme «Gado Bravo», em vias de conclusão. H. da Costa pensa entregar-se de corpo e alma ao desenvolvimento da indústria cinematográfica nacional, contando construir ainda êste ano um estúdio e um laboratório de cinema, onde serão executadas as suas futuras produções. O cinema português conta nêste homem «dinâmico», como já lhe chamou um grande jornalista espanhol, um dos seus melhores esteios. É, com efeito, um cineasta completo, «doublé» dum lutador duma energia e duma perseverança raras. A par de isso, «homme du monde», fino espírito inteligente e culto, H. da Costa é bem o embaixador que o Cinema lusitano precisa de ter no estrangeiro, onde não pôde estar mais bem representado no consenso internacional.

Uma entrevista com H. DA COSTA

H. da Costa não é apenas um comerciante, como muita gente certamente julga.

É uma criatura curiosa, culta, inteligente, que discute com o mesmo à vontade o preço dum filme ou o valor artístico de qualquer obra, seja de cinema, de teatro, de pintura ou de qualquer outra arte. Tendo vivido longos anos em Paris, habituou-se já a vêr a vida com aquela superioridade que distingue as pessoas civilizadas das que vivem em contacto com uma civilização inferior.

Fui entrevistá-lo para o «Movimento».

Pedi-lhe, logo de entrada, que me dissesse tudo o que havia de definitivo sôbre a distribuição e exibição de «Gado Bravo» no estrangeiro.

— Bem — disse H. da Costa, oferecendo-me um cigarro — comecemos então pelo principio.

Em Portugal «Gado Bravo» estreia-se após o Carnaval, deixando primeiramente passar aqueles dias em que toda a gente está fatigada e em geral não vai a espectáculos.

Em Espanha, como em Portugal, o filme é distribuído pela Agência H. da Costa e deve sêr apresentado em Madrid, no Cine de la Opera, por todo o mês de Março.

— Considera a Espanha um bom mercado para «Gado Bravo»?

— A Espanha é, dum modo geral, um esplêndido mercado cinematográfico.

Além disso, e ao contrário do que vulgarmente se supõe entre nós, tem pelas coisas portuguesas um especial interesse.

Juntado a isto o facto de «Gado Bravo» ir mostrar um ambiente que apaixona os espanhóis mais que nenhum, creio poder garantir-lhe que o nosso primeiro filme fará em Espanha uma esplêndida carreira, tanto mais que estou francamente convencido de que «Gado Bravo» deve possuir todas as qualidades que só por si garantem o êxito comercial e artístico duma película. E em Espanha, onde se sabe vêr cinema, «Gado Bravo» será, tenho a certeza, muito bem recebido. No Brazil, onde montaremos uma agência, o filme será também explorado por nós, assim como em França.

Em Paris, depois da costumada exibição particular dedicada à crítica e a certos intelectuais, será apresentado numa sala de primeira categoria especializada em filmes de ambientes exóticos, onde passará com legendas sôbre-impresas em francês, que é o sistema preferido pelo público duma certa categoria.

Depois será exibido em alguns cinemas de *quartier*; para êstes, assim como para a provincia, é natural que se faça um *dubbing* em francês.

Na Austria, na Hungria, na Checo-Eslováquia, na Lituânia, na Estónia e na Finlândia será «Gado Bravo» distribuído pela «Universal».

Uma antiga e conhecida firma sueca, a «Shveska», encarrega-se da sua apresentação na Yugo-Eslávia, Romenia, Suíça e Holanda.

Na Argentina, será apresentado pelo agente da Ufa naquele país sul-americano.

Acabo de lhe dizer o que está definitivamente resolvido.

Mas em breve teremos concluídos contratos para a apresentação do «Gado Bravo» na América do Norte, especialmente nas cidades onde existem numerosíssimas colónias portuguesas, assim como na América Central, mercado que não se pode nem se deve desprezar.

Temos ainda outros países, como a Inglaterra, para os quais trataremos depois da sua apresentação.

— Pelo cuidado com que a distribuição de «Gado Bravo» no estrangeiro foi tratada, depreende-se que o mercado português, ou mesmo os mercados português e brasileiro, não bastam à produção nacional.

— Certamente. O mercado português não é suficiente, sequer, para compensar as despesas dum fonofilm nacional, senão em condições excepcionais.

Quanto ao Brazil, não nos devemos iludir com os resultados dos primeiros filmes portugueses lá exibidos. O sucesso dêstes filmes deve-se especialmente à nossa colónia, que acarinha tudo quanto vai de cá, e a um natural interesse dos brasileiros pelas nossas primeiras produções.

Mas quando os êcrans brasileiros começarem a sêr visitados com uma certa freqüência pelos nossos fonofilmes, o carinho dos primeiros e a curiosidade dos segundos baixarão com certeza.

Portanto, querendo que a nossa produção cinematográfica se estabeleça, devemos tratar cuidadosamente do mercado estrangeiro.

— E crê na possibilidade de o estrangeiro receber bem a nossa produção?

— Pois claro. Nós podemos oferecer aos estrangeiros coisas novas, motivos inéditos, e isto não deixará de atrair a sua curiosidade. E se os nossos filmes possuírem simultaneamente interesse espectacular para o grande público e um certo nível artistico, serão recebidos da mesma forma porque o são os dos outros países produtores.

É portanto indispensável dar aos nossos filmes, de qualquer forma, interesse internacional e cuidar escrupulosamente da sua qualidade artistica.

— A sua opinião pessoal sôbre o «Gado Bravo»?

— Compreende que eu sou muito mais que suspeito.

Todavia deixe-me dizer-lhe com toda a sinceridade que estou entusiasmado.

De resto, isto não me surpreende.

Como sabe, há muitos anos que eu sou um profissional do cinema, e que tenho convivido, de perto, com alguns dos mais notáveis realizadores, artistas, etc. E no momento em que resolvi organizar a minha produção, procurei naturalmente rodear-me dos elementos que mais garantias me ofereciam. Não me meti nesta empresa com o entusiasmo quási sempre inconsciente do amator, mas antes com a calma experimentada do profissional.

É por isso que o meu entusiasmo por «Gado Bravo» não me surpreende.

Cheguei há dias de Paris onde vi projectar quási todas as cenas do filme, que me satisfizeram absolutamente.

H. da Costa refere-se depois o mais elogiosamente possível a todos os que trabalharam no filme, salientando António Lopes Ribeiro que, na sua opinião, ficará sendo o primeiro realizador português depois da apresentação de «Gado Bravo». A minha conversa com H. da Costa durava quási uma hora. Despedi-me. E agora, gentes, vamos lá a vêr «Gado Bravo», que para ansiedade já basta.



Conversando com M.^{ME} H. DA COSTA

Eu imaginava que uma «Mulher de Negócios» não podia deixar de ter um impertinente ar de superioridade, uma voz desagradavelmente áspera, modos bruscos, deselegância e um traje feiamente masculinizado.

É este, de resto, o retrato que em Portugal vulgarmente se pinta das senhoras que preferem ao *rame-rame* caseiro a vida agitada dos negócios, ao socêgo do *seu cantinho* a barafunda, aliás agradável, dum escritório. E não se concede que possua distinção de maneiras e afabilidade de trato, que converse com simplicidade uma senhora que tomou tal atitude, que teve tais preferências...

Pois por assim pensar, nos poucos minutos de espera, impostos pelos afazeres de Madame H. da Costa, ao lembrar-me que ia entrevistar uma «Mulher de negócios», senti-me verdadeiramente pouco à vontade e estive, vai-não-vai, para mandar ao diabo o jornalismo cinematográfico.

Contive-me, porém; e felizmente, porque em breve pude verificar quanto eram destituídos de razão os meus juízos.

Madame H. da Costa, sorridente amável, convidou-me a ocupar o cómodo *maple* fronteiro ao seu. Instalei-me. A conversa começou simples, despreocupada, agradável — para mim. E a cada instante decorrido mais eu me censurava intimamente pela opinião leviana que formulara da Mulher que dirige um escritório ou vigia uma máquina. Não é o convívio constante com o mundo agitado dos negócios nem a atmosfera duma oficina que roubam à Mulher a sua graça natural ou a sua distinção.

Madame H. da Costa, Senhora gentilíssima e distinta, provou-mo irrefutavelmente.

Ainda pensando assim, expliquei ao que vinha:

— «Gado Bravo» estreia-se brevemente. V. Ex.^a deve ter qualquer coisa interessante a dizer aos leitores de «Movimento».

— Não, não tinha! De «Gado Bravo», em artigos, notícias e entrevistas, já tudo fôra dito. Agora havia apenas o seu entusiasmo, a sua confiança num grande êxito compensador de todas as energias, de todas as boas vontades dispendidas.

Mas com o desejo de mostrar a sua simpatia por «Movimento» e pelos seus leitores, Madame H. da Costa prestou-se a responder a todas as minhas perguntas, a dar-me todas as informações que pedisse. Conversamos largamente. Saltando dum ponto para outro, com rapidês, sem procurar transições, Madame H. da Costa, sempre levada pelo seu entusiasmo evidente repetia a cada instante: «Vê?! Só bem lhe posso dizer».

Referiu-se a todos os intérpretes com palavras elogiosas e de satisfação. De Raúl de Carvalho disse: — Quando o contratei afirmou-me convencido e lembrando-se do seu despenho em *A mulher que ri*: «Gado Bravo vai ser a minha reabilitação como actor de cinema». E posso assegurar-lhe que vai ser de facto uma indiscutível, uma meritória reabilitação.

Um instante fiquei pensando nas possibilidades que Raúl de Carvalho, efectivamente, possui no cinema. Mas já Madame H. da Costa me cortava o fio ao pensamento, referindo-se à frescura graciosa de Nita Brandão; ao *accent* de Olly Gebaur, que lhe empresta novos encantos; à graça, à espontaneidade, à alegria contagiosa de Mariana Alves, «uma grande artista... porque não é actriz; à comicidade de Siegfried Arno; à experiência de Artur Duarte; à naturalidade de Armando Machado...

Falou depois nas contrariedades que o estado do tempo lhes causava, atrasando a conclusão do filme: mais de um mês de chuvas em Samora, em Carcavelos, em Alemquer...

— «Gado Bravo» tem cenas faladas em alemão?

— Uma única. E essa mesmo compreensível ao público português. Trata-se duma discussão entre Olly e Siegfried, numa sala. Atrás duma porta duas raparigas ouvem, e uma delas traduz à outra o que se diz. Já vê que o filme será integralmente compreendido por todos os portugueses — o que é natural, visto tratar-se duma produção portuguesa.

«E, a propósito, deixe-me dizer-lhe também que o programa em que figura «Gado Bravo» como *fundo*, será totalmente português. Para isso conservamos cá a aparelhagem sonora que nos permitirá a realização dos complementos indispensáveis. O espectáculo em que fôr apresentada a nossa primeira produção, não terá, pois, nem parcialmente, a colaboração de produções estrangeiras».

A conversa enveredou, nesta altura, para os projectos do Bloco. Com o entusiasmo que desde o início a animava, Madame H. da Costa afirmou-me que a futura produção está assegurada, dispensando-se os artistas estrangeiros, sempre que o próprio argumento não os requeira. Quere isto dizer que a colaboração de artistas estrangeiros não é sistematicamente adoptada pelo Bloco, mas condicionada pelas exigências da história que se pretende filmar.

O recurso aos técnicos estrangeiros continuará, porém, até que os nossos possam competir com eles, aproveitando as lições que este convívio lhes trará.

Computa-se em três filmes de grande metragem a produção anual do Bloco. Como «Gado Bravo», serão todos, essencialmente, filmes de exteriores, enquanto se não realizar o grande sonho de H. da Costa e de sua mulher e preciosa colaboradora: a construção do estúdio.

E Madame H. da Costa baixou a voz para me revelar, como em segredo: — Perto de Lisboa, junto a uma linha de caminho de ferro, há uns terrenos... Enfim, meu marido anda entusiasmado — como eu, como todos que connôco têm trabalhado — e o estúdio há-de surgir mais cedo do que muitos pensam... Não teve coragem para me pedir silêncio; Madame H. da Costa sabia bem que uma novidade destas não se guarda. E depois... não seria melhor levantar um pouco do véu que cobre o negócio, para tapar certas bocas maldizentes, para confundir certos espíritos que desdenham?!

«Mistérios de Lisboa» ou um filme em episódios de António Lopes Ribeiro será a produção cuja filmagem o Bloco encetará após a estreia de «Gado Bravo»; à data desta entrevista — fins de janeiro — ainda o assunto não estava resolvido. Madame H. da Costa regressou ao assunto — «Gado Bravo», fulcro, afinal, de toda a nossa conversa. E quando nos levantamos, a Senhora que gentilmente me atendera, rolando aos seus prazeres perto duma hora, ainda disse num sorriso:

— Apareça depois da estreia. Então serei eu a fazer a entrevista e hei-de vêr se «Gado Bravo» o não entusiasmou como me está entusiasmando a mim...

Para bem do cinema português fico desejando sinceramente que seja assim; fico desejando que a confiança de Madame H. da Costa se veja justificada no dia já próximo da estreia de «Gado Bravo».





M.ª H. DA COSTA, (*Sub-direcção geral do Bloco*)—Principal colaboradora de H. da Costa em toda a sua obra, M.ª H. da Costa é também uma escritora de raros méritos literários. Sob o nome de M.ª Buttuller da Costa publicou várias entrevistas sensacionais com os primeiros vultos da cinematografia internacional. Ainda estão na memória de todos os seus artigos numa revista portuguesa da especialidade sobre Eisenstein, Louise Brooks, Lilian Harvey, Brigitte Helm, Inkiñoff, René Clair, etc. O mimo, a agudeza, a fina intuição com que essas diferentes personalidades foram observadas através da sua pênna, deram-lhe dum golpe o lugar da nossa primeira entrevistadora e, sem dúvida, da nossa mais brilhante escritora cinematográfica. Essas qualidades artísticas, que ela tem ocasião de cultivar junto das relações que o seu lugar lhe confere nos negócios de seu marido, não a impedem de colaborar nestes da forma mais assídua e mais valiosa. M.ª H. da Costa é o braço direito d'ele, substituindo-o constantemente nas suas freqüentes deslocações, agindo como um perfeito associado, por todos os títulos competente e insubstituível. Dirigindo o escritório de Paris desde 1927, ocupa-se do de Lisboa, que felizmente tomara um incremento que não fôra previsto, desde 1931, ao lado de Francisco Correia de Mattos Júnior e Luís de Oliveira. Fundado o Bloco, M.ª H. da Costa tomou a seu cargo a sub-direcção geral de essa máquina complicada que é um organismo de produção; tendo exercido, também, as funções de director de tomadas de vistas dos exteriores do filme «Gado Bravo», nas quais teve ocasião de prestar um concurso precioso à obra em questão. Todos que conhecem M.ª H. da Costa, o seu espírito de eleição, a sua finíssima inteligência, larga cultura e trato afabilíssimo, sabem que, afinal, nem por se ser muito competente e treinada em negócios se perde o natural «charme» feminino,—quando realmente êle existe na alta dóse em que o possui esta senhora.

Atirar pedras... às estrêlas

Sabe tôda, ou quasi tôda, ou muita gente, que a maior parte dos filmes da Greta Garbo são mediocres como cinema. A discutida beleza da heroína, o seu especial *sex-appeal*, o hermetismo da sua alma, a sua arte tão arbitraria e discutível como a sua beleza, a sua intuição ou ciência nas cenas de voluptuosidade, a auréola que lhe fizeram jornalistas, literatos, reclamistas e cinéfilos — dispensam de ser bons os filmes que ela enche com a sua simples presença; com a sua simples personalidade, real ou criada. Quem vai ver um filme em que entre a Greta Garbo — não vai ver cinema: Vai vêr a Greta Garbo. É freqüente ouvir-se, num dia em que se estreie um dos seus filmes: «Vais vêr a Greta Garbo?» «Vais vêr a Greta?» E reparo agora que, para falar dos filmes em que a Greta Garbo tem um papel, escrevi: «Os filmes da Greta Garbo...» «Um dos seus filmes...»

Sucede cousa semelhante com a Marlene. Exactamente para que viesse a suceder cousa semelhante com a Marlene, reclamaram-na logo como rival da Greta Garbo. E veio a suceder cousa semelhante com a Marlene. Quem não sente que o Sternberg, tão ricamente dotado, se apouca fornecendo-nos cinema em que nos forneça Marlene? Criou-se o tipo Marlene: Bela, distinta, fatal à moderna, simultaneamente apaixonada e distante, conhecedora da vida através de não sei que experiências dolorosas, rica, por isso, dum ironia e dum indiferença superiores, senhora duns olhos admiravelmente expressivos e dum bôca apta aos mais subtis sorrisos, capaz de vestir calças com uma graciosidade perversa, cantando com grande falta de voz e grande confiança no sortilégio da sua maneira, — criou-se o tipo Marlene. E quem vai vêr um filme em que entra a Marlene — já não vai, agora, vêr cinema, nem vai vêr a realização, por vezes admirável, de Sternberg: Vai vêr Marlene, esta Marlene, a nossa Marlene. Sternberg sabe-o. E dir-se-ia que já não pensa senão em nos fazer a vontade, servindo-nos Marlene através de uma técnica ou boa ou ótima, e dum histórias mais ou menos falsas. O pobre grande realizador acaba por ser uma espécie de intermediário entre Marlene e todos nós, que amamos Marlene: uma espécie de... Mas não digo a palavra, que é dura.

Com Charlot (embora nêle o caso seja outro, por êle ser o seu próprio intérprete e o seu próprio realizador) dá-se ainda cousa assimilável a estas: Poderá sustentar-se, um tanto paradoxalmente, que a maior força e a maior deficiência dos filmes geniais de Charlot — é não serem senão êle: Êle com o seu bigodinho, o seu chapelinho, a sua bengalinha, a sua casaquinha, as suas sapatarras de sete léguas bem moidas, a sua desenfreada e satírica fantasia, o seu amargo humorismo, o seu dandismo natural e *gauche*, a sua observação inesgotável, o seu trágico e profundo conhecimento da situação dum homem alado entre os homens pé de boi...

O que sucede com êstes três astros, sucede com outros: de primeira, segunda, terceira grandeza. Mas êstes três exemplos me bastam para o que pretendo sugerir.

*

Tem-se pôsto em evidência e sujeitado à crítica a dependência em que o cinema se mantém do teatro. E nunca será demais pô-la em evidência, sujeitá-la à crítica: Não continua a abundar o cinema género drama, género comédia, género farsa, género opereta, género revista? Não parece Portugal querer impôr êste último género — o mais detestável — como especialidade nacional?

Têm-se pôsto em evidência e sujeitado à crítica o peso exercido pelo industrialismo, o comercialismo, o capitalismo, sôbre a arte cinematográfica. E nunca será demais pô-lo em evidência, sujeitá-lo à crítica: Não continua a América a fabricar filmes em série, não procura cada nação o seu filão de ouro na produção dum certo género nacional de filmes rendosos, não prosseguem os realizadores engenhando filmes para o público, etc., etc? Não é eterna a luta entre os artistas e os comerciantes? E não é difícil, tão difícil como necessário, o justo equilíbrio das duas potências?

Ignoro se já se tem pôsto em igual pé de evidência, e igualmente sujeitado à crítica, esta terceira cadeia que tolhe ao cinema a sua liberdade: a tirania dos astros: o ofuscante fulgôr das estrêlas e o sufocante prestígio dos azes. Pois não julgo que seja inteiramente prégar no deserto — o prégar, contra estas cadeias, a favor da livre criação cinematográfica. Nunca é, em absoluto, prégar no deserto — o prégar neste mundo. E ninguém pensa em suprimir a Greta Garbo ou a Marlene, deliciosas criaturas que tanta beleza têm criado, e tantas vezes têm feito o encanto dos nossos olhos. Ninguém pensa em patear êsse grande *petit* Charlot, que é um dos maiores artistas da nossa época. Pode, simplesmente, sonhar-se uma arte cinematográfica mais livre — eficaz pela mera expansão das suas características próprias. Pode aspirar-se a que o intérprete não afogue a própria composição cinematográfica, e se mantenha o que nunca devera deixar de ser: um elemento dessa composição. Porque fazer filmes *para* êste ou aquela intérprete — é ainda teatro; e é como escrever peças *para* êste actor ou aquela actriz. Será difícil, assim, que a arte cinematográfica ou a literatura dramática não percam.

*

Ah, que grande lição não dão a todo o mundo os filmes russos! E note-se que são filmes parciais, doutrinários, sujeitos a pré-conceitos. Mas dão uma grande lição a todo o mundo. É que os intérpretes, a fotografia, a natureza, os argumentos, as coisas, a montagem (não sei se tecnicamente me expribo bem) — tudo nêles se equilibra e ajusta numa orquestragem superior.

Sim, a obra de arte é unidade até através da diversidade, harmonia até de dissonâncias. É a boa obra de arte cinematográfica não resulta senão dum perfeita cooperação de elementos vários sob a direcção dum vontade criadora.



O valôr da paisagem no cinema

Entre muitas, de tantas alegrias que ao cinema devo, sobressai como impellido pela mola oculta da caixinha de surpresas, a que resulta do singular dinamismo que o cinema vem dar vida à paisagem, animando-a de expressões inesperadas e novas, directamente surpreendidas dela na escancarada totalidade da sua frescura, do seu colorido e da harmonia diversa e vária do seu desarranjo.

Um trecho de paisagem, qualquer que êle seja, aparece sempre na plenitude ferozmente idílica que da Natureza, forte, fecunda e pródiga, se destaca nestes urbanizados tempos, demasiado sumícticos e estéreis.

Quer fôsse captado entre a hostilidade das savanas do Texas ou do *far-west* americano, cortadas pela vida estouvada e incerta dos seus *cow-boys*; quer na planície monótona dos lhanos argentinos fustigada pelo ângulo agudo dos ventos pamperos; quer na desolação tostada do Saará, animado apenas pelo balouçar demorado e mole de palmeiras isoladas ou dos camelos de caravanserais tuaregues; quer no rumor abafado e quente, na húmida exuberância da selva equatorial, tímida de fermentações e seiva, expressas no enroscamento voluptuoso das lianas; quer enfim na vertigem do tumultuoso mar constringido e petrificado dos maciços alpinos ou no isolamento disperso dos *atols* coralinos da Polinésia e o surpreendente primitivismo da vida dos seus indígenas — todos êsses trechos de paisagem, tudo, passa ante os nossos olhos pávidos e embevecidos.

Dum pronto, quási sem por isso dar fé, executamos a mais bela, a mais surpreendente e expressiva viagem de circumnavegação ao glôbo, com a vantagem acrescida de que a possibilidade dos contrastes a estabelecer se torna singularmente mais fácil e, por isso mesmo, mais proveitosa. O convívio com a natureza faz-se quási directo, e as surpresas do seu mistério mais flagrantes, o que nos dá garantias dum melhor, mais proveitoso, mais íntimo conhecimento do mundo.

Oh! quem poderá esquecer certos pormenores da estepe russa na «Troika», na «Ressurreição» e nos «Irmãos Karamazoff»; das ilhas do Pacifico no «Tabu» e na «Ave do Paraíso»; do interior africano no «Trader Horn», no «Congorila» e na «Voz de África»; das regiões polares na «Viagem de Bird ao Polo Sul» e em «Esquimó» e enfim de toda a planura argentina ou americana nos filmes de Tom Mix e outros? Quem, para entrarmos já agora na civilização, não percorreu as artérias das grandes metrópoles até os bairros mais obscuros, mais escóssos e mais sórdidos, desde Paris ou Marselha, Roma ou Nápoles, Berlim, Londres, Atenas ou Varsóvia, até Buenos-Aires, Montevideu, Rio, Havana, Nova-York ou Chicago, desde Estocolmo ao Cabo, ou desde S. Francisco e Los Angeles a Hong-Kong e Xangai, de Vancouver a Melbourne? Dum pronto estabelecemos a convivência com os povos mais dispares e as raças mais antagónicas, desde os lapões e os samoiedos aos hotentotes e aos zulos, dos ortiacos e iacutos aos drávidas e maoris, dos esquimós e algonquinos aos guaranis e fuegeanos.

Tudo o cinema nos dá em duas horas incisivas e rápidas e por isso, à parte os grandes empórios mundiais da produção cinematográfica trabalhando para todo o mundo e portanto com todos os climas, todos os costumes e todas as perspectivas, as grandes empresas produtoras nacionais procuram exaltar o território nativo exibindo as excelências da sua paisagem, demais quando ostensivamente arvoram o rótulo infeliz — porque sóbre anti-estético, é salobro, ridículo e antipático mesmo — rótulo de pais de turismo, que é como quem diz, traduzido em vulgata, um país divertido...

Fora do divertimento, porém, a paisagem exerce sóbre a nossa sensibilidade uma influência benéfica porque nos exalta e comove estremecendo-nos até à mais discreta intimidade do nosso ser, para deslumbramento dos nossos sentidos e suave quietude do coração.

Ora Portugal, à parte o caso anedótico do tal «país de turismo» cuja justificação vem, muitas vezes, de meia duzia de estradas sofrivelmente alcatroadas, está indicado para oferecer ao cinema os motivos mais sugestivos e mais impressionantes, desde o nédio Minho, abororado e saloio, tonificado a Pilulas Pink, feito de hortinhas e quintais — até à esquelética paisagem transmontana, fragarosa e alcantilada, própria para ninho de águias com os seus horizontes apocalípticos e fantásticos; ou desde a paisagem beirã demorada e grave, duma sobriedade de seivas e uma hierarquia de tons à qual bem iria o epíteto de *clássica* — até à insípida paisagem da nossa Extremadura, carriada pelo salitre das salinas ou pela esterilidade das dunas, fria, inerte, crua; ou finalmente, desde a epopeia da estepe alentejana, de asinho e abrunho, rasgada a todos os ventos, torrada por todos os sois, regada pelo suor dos ganhões destilado nos alambiques das musculaturas fortes, cheia de grandeza e carácter — até ao florir da primavera eterna da paisagem algarvia cheia de movimento e de côr, animada pelo aroma esparso das amendoeiras e dos laranjais em flôr, toda a sua alma de rapariga púbere anunciadora de capitosas promessas...

Eis, entretanto, o que aos nossos escassos produtores cinematográficos não tem interessado, faltando assim, gravemente, ao seu dever, tanto mais que se alguma coisa de digno há para se ver e admirar, fora daquilo que no estrangeiro se pode ver e admirar melhor, é — além da poesia de três ou quatro poetas singulares nossos, um Gil Vicente ou um Camões, um Antero ou um Nobre — a paisagem, o espectáculo sem par da nossa paisagem, porque afinal é ela o único motivo de orgulho de sermos portugueses.

Bem andou, pois, António Lopes Ribeiro que para o Bloco H. da Costa acaba de realizar o seu primeiro filme «Gado Bravo», em escolher como principal motivo decorativo para a trama do mesmo, todo o imprevisito e todo o colorido da movimentada lezíria ribatejana, como documentário mais expressivo e feliz da paisagem portuguesa.

Êste será mesmo o processo mais inteligente dos portugueses trabalharem para o estrangeiro.





MAX NOSSECK, (*super-visor*) — Figurante, actor, adrecista, assistente em todos os graus, etc., Max Nosseck tocou, antes de se dedicar à realização, todas as notas da escala cinematográfica. O seu talento de realizador revelou-se por acaso, quando substituiu o «regisseur» dum filme que estava sendo filmado em plena Índia e se intitulava «Ohne Geld um die Welt». Em Berlim, dirigiu, alcançando êxitos retumbantes, vários filmes, nomeadamente «Liebes Vierblatt», «Die Kleine von Nebenhau», «Einmal möcht ich keine Sorge Haben», «Es geht um alles» e «Der Schlemil», que passou em Portugal com o título «O Rei dos Aldrabões», entusiasmando os cinéfilos pela sua prodigiosa montagem e pelos seus «gags» graciosíssimos, que fazem desse filme o único europeu que pôde equiparar-se aos grandes filmes cómicos americanos. Admira acima de tudo, como René Clair, a arte de Charlie Chaplin, com quem tem aliás marcada semelhança física e de quem é um felicíssimo emissor. Emigrado político, encontrava-se em Paris quando H. da Costa o convidou para super-visar a sua primeira produção portuguesa, «Gado Bravo». Os portugueses encontraram nele o mais afável e seguro dos conselheiros, não devendo ser esquecida a sua preciosa intervenção no filme. H. da Costa tenciona continuar trabalhando com Max Nosseck em filmes que projecta produzir no estrangeiro.



ANTÓNIO LOPES (RIBEIRO, *realizador*)—
Iniciou em 1927 a sua carreira cinematográfica, assinando, com o pseudónimo «Retardador», a primeira secção de crítica humorística de filmes, publicada nos jornais de todo o mundo: a secção «Fitas faladas», do «Sempre Fixe». Convidado pelo «Diário de Lisboa» a dirigir uma secção de crítica «a sério» aceitou, chamando para o cinema as atenções da grande imprensa e do público culto. Em 1929, sendo então aluno do Instituto Superior Técnico, fez uma viagem de estudo a todos os centros cinematográficos europeus, visitando a Rússia, onde Einsenstein o convidou a frequentar a G. T. K. o instituto cinematográfico de Moscou. De regresso a Lisboa, fundou o semanário cinematográfico «Kino», que «lançou» em Portugal, com a «Imagem» (de que A. L. R. também foi um dos fundadores), o cinema sonoro. Colabora em grande número de

publicações portuguesas e estrangeiras, não só como crítico cinematográfico, mas exercendo todas as modalidades do jornalismo e da crónica. Em 1933, fundou, com Mimon Anahory, os semanários «A Bola», «Animatógrafo» e «Senhor Doutor». Foi primeiro assistente de Leitão de Barros nos filmes «Lisboa» e «Maria do Mar», de que fez a planificação. Dirigiu as cenas filmadas em Portugal de «Fraulein Lausbub», realizada por Erich Schönfelder. Depois de «Gado Bravo», pensa realizar, também para o Bloco H. da Costa, de que é realizador contratado, o filme «Mistérios de Lisboa», segundo um argumento de sua autoria.



Cinema português, argumentos portugueses

Parece que já lá vai o tempo em que, em Portugal, a indústria das fitas não passava de sôno audacioso.

Pensar, nesse tempo, em oficinas para fazer fitas, dava arrepios; e olhava-se para quem em tal aventura metia o seu rico dinheirinho como quem olha para atrevido aventureiro que, num golpe de sorte, se arriscasse a tudo perder ou ganhar.

E, afinal, nunca me constou que qualquer das empresas que em tal indústria invertêsse capitais, visse diminuído o seu activo com os prejuízos do negócio.

E isto apesar de o negócio ter sido algumas vezes mal explorado, e o artigo não passar de autêntica sucata.

É que a indústria das fitas em Portugal teve algum tempo o privilégio das sessões de fado. Ha um videirinho que precisa arranjar uns cobres? Nada mais fácil.

Aluga um teatro na ocasião fechado, contracta uma *cantatriz* em voga, um guitarrista e um violista; arranja lá pelo palco duas cadeiras mesmo velhas para os exímios professores; manda imprimir os programas e os bilhetinhos.

Depois, uns amigos, uns actores de quinta categoria na inactividade, e três ou quatro coristas em forçadas férias a passar os tais bilhetinhos... e no dia da cultura do hino da sordidez nacional aí está a casa à cunha.

Para completar o programa pedem-se de empréstimo a um orfeão dois ou três janotas que se esgançam nuns tangos ou numas rumbas, — agora muito na berlinda; os tais senhores actores recitam o melro e cantam uma cançoneta brêjeira; os exímios professores tocam umas variações, e entra a bomba real, a consagrada cultivadora da enfêzada fadistiche nacional.

E no fim de tôda aquela miséria, a pedir muito mercúrio, quando não polícia correcional, o tal videirinho ganha sempre uns milhares de escudos para cujo desaparecer tem eternamente o recurso de outra sessãozinha.

Ora eu não quero de maneira nenhuma dizer que sejam videirinhos aqueles que em Portugal têm procurado fazer cinema.

Mas não seria sincero se não dissesse que, entre a categoria do que de fitas portuguesas se via, e a das tais sessões de fado, a diferença para mim não vai além de um curto palmo.

Isto quanto a arte.

Quanto ao mais não ha comparação possível, porque enquanto o que se tem feito em cinema representa um esforço que convictamente reputo honesto, as tais fadísticas gritam pelo menos — valha-nos Deus! — por uma grande série de 914.

Ora isto veio a pêlo dum pedido, género intimação, do Armando...

— Para o número especial um artigo: Cinema português, argumentos portugueses!

— Oh! filho, eu...

— Cinema português...

— Mas...

Já estava a intimar outro. E o certo é que o nosso director é pior que um oficial de diligências. Pois comecei eu dizendo que, graças ao céu, já vai havendo cinema português.

A *Severa* foi uma formidável esperança; a *Canção de Lisboa*, se não deu a Cottineli Telmo, em quem eu sempre admirei a viva inteligência, as esporas de ouro de realizador, deu-nos porém a todos que pelo cinema nos interessamos, o direito de contarmos com êle como com um valente e proveitoso batalhador desta rude campanha em prol do nosso cinema.

De *Gado Bravo*, se metade da fita não desmentir o que em óptimas fotografias tenho visto, só direi que temos uma fita bôa, francamente bôa.

Mas agora que, pelo visto, já temos meios de fazer cinema em Portugal, porque não aproveitaremos os nossos escritores e os nossos romancistas para das suas obras tirarmos possíveis argumentos?

Suponho bem que todos teriam a lucrar.

Aproveitaria o cinema, pois que dentre os que melhor em Portugal teem feito romance podem os produtores escolher o argumento capaz de interessar nacionais e estrangeiros e aquêle que, mais exclusivamente nosso ou mais românticamente lamecha, sirva apenas para a pequena fita para portugueses e brasileiros.

Ganharia o país porque da adaptação, ainda que feita com intenção muito cosmopolita, sempre havia de ficar muito do nosso carácter, e conseguiríamos talvez mostrar assim que nem todos os portugueses usam melêna fadista, nem frequentam com mais ou menos assiduidade a Boa Hora ou S. João Novo.

E aproveitariam os nossos escritores que, além de verem abrir-se-lhes uma fonte de receita — o que, num país de pequenas tiragens, *aubaine* seria — teriam estímulo para procurarem produzir obra menos chegadinha à nossa brazeira serrana, como alguns, e mais cosmopolita, ainda que sem nada perder do que de bom e saudável e risonhamente encantador ha no nosso carácter, nos nossos costumes e na nossa paisagem.

Temo-los já. E, que de momento me ocorram, suponho que boa obra se poderia fazer modificando um pouco a Cidade e as Serras, do Eça. E aí teríamos nos todo o snobismo chic do «grand monde» parisiense vencido, estrondosamente derrotado pela saudável simplicidade dos nossos costumes rurais, aonde o senhor da terra é ainda, ou melhor, nunca deixou de ser, o conselheiro e o guia dos seus trabalhadores e o padrinho de todos os miudos.

Que rica propaganda do nosso país não daria êsse encantador romance, do melhor que as nossas letras possuem, nas mãos de um realizador inteligente e sabedor!

Mas querem mais?

— «O homem que matou o diabo», de Aquilino Ribeiro.

— «Céus de Fôgo», de Campos Monteiro, Filho.

— «Uma família inglesa», de Julio Diniz.

E... e suponham que não me lembra agora mais nenhum. Mas ha mais, muitos mais, graças a Deus.



Antônio Lopes Ribeiro, para «Gado Bravo» transformou Olly Gebauer. Esta fotografia o prova. Até à data Olly fizera sempre papeis que a representavam boa rapariga, alegre, simples, simpática e sem malícia. Agora, pelo contrário ela é a «vampe» com tudo o que esta palavra tem de significação psicológica: prever-sidade, «sex-appeal», intenção sensual levada ao extremo em que passa a chamar-se «malefício». Fez bem Antônio Lopes Ribeiro? Teve razão? O futuro o dirá, mas cremos que sim. Pelo menos as fotografias que de Olly temos publicado, e esta entre todas, dão-nos o direito a esta crença.....



CANÇÃO

SOBRE

O

GADO BRAVO

Olha a campina doirada
Pelo sol da Primavera!

Nos canteiros —
Nascem junquinhos aos mólhos;
E outras flores desabrocham
Como lágrimas de côres
Fulgindo nuns grandes olhos.



Ali —
Na verde relva,
À beirinha de um regato
Fugidio e palrador
Manoel Garrido
Mais aprumado e gentil
Espera a Olly Gebauer
— Sua amante e seu amor.

Entre campinos e toiros,
Nos vai-vens da valentia,
É vê-lo desempenado
No corcel de guerreiro a bater-se na fé
De conquistar o mundo
No olhar misterioso e profundo
Dessa mulher
Que êle quiere
Apenas sua!

A noite cai suavíssima e clara.
No céu —
Paira o silêncio da lua.

«Bate, bate, ó silva verde,
Bate, bate, ó negra amóra;
Viva quem tem seu amôr
Cá na vila de Samora».

E o canavial ao vento
Diz a cantiga
Da lavadeira risonha.
— Não cantes mais, Mariana!
Siegfried, não a beijes;
«Amores de lavadeira»,
Às vezes trazem peçonha.

Mais além,
Debruçado na guitarra,
O Pascoal,
Na voz chorosa do fado,
Diz versos
Sôbre o mistério da vida.

— É um farrapo do amôr,
Sem ilusões, sem guarida.....

antónio botto



ANTÓNIO BOTTO,—Na opinião dos mais autorizados críticos da nossa terra (Teixeira Gomes, Fernando Pessoa, José Régio, etc.) António Botto é considerado o maior poeta lírico português vivo, e um dos mais notáveis neste século, pela sua fina sensibilidade e impecável forma, em que se baloioam os mais modernos ritmos. Tendo provocado escândalo, quando da sua aparição, em 1921, as suas «Canções» são hoje lidas e admiradas por toda a gente, assim como todos os seus outros livros: «Cantares», «Cartas que me foram devolvidas», «António», «O Livro das Crianças», e «O Meu Amor Pequenininho», que acaba de aparecer. Ultimamente, uma nova faceta do seu talento apaixonou público e crítica: «Alfama», a sua primeira peça, demonstra que o poeta e prosador admirável é também um excelente dramaturgo. Por isso se aguarda com impaciência a sua nova obra de teatro, «Nove de Abril». Aceitando o convite de António Lopes Ribeiro para escrever as coplas de «Gado Bravo», António Botto, honrando a cinematografia nacional, provou o seu amor pelo cinema, que interessa menos do que devia aos nossos escritores. Lembremo-nos de que Mestre Columbano era um cinéfilo convicto e assíduo. António Botto também colaborará nos «Mistérios de Lisboa».



Dentro do seu conflito normal, humano e forte, com características marcadamente nacionais mas com faculdades de compreensão e lógica para todos os povos que o tornam, simultaneamente, internacional, apresenta-nos GADO BRAVO, a primeira produção do Bloco H. da Costa a beleza ora idílica, ora violenta, ora agreste, ora pastoril da nossa paisagem. Aqui está um exemplo do último caso. E vejam que beleza!...





Para pano de fundo do seu filme escolheu António Lopes Ribeiro a lezíria ribatejana, com todo o seu colorido e com todo o seu movimento. A faina agrícola da região, essencialmente variada, a tarefa árdua e violenta de criação de GADO BRAVO servem-lhe de prodigioso cenário para o conflito sentimental e psicológico do filme. A nossa gravura mostra Olly Gebauer prudentemente afastada para dar passagem a touros e campinos.



Como se deve, se é que se pode, fazer cinema em Portugal

É deveras lamentável, mas tenho a antecipada certeza de que o que vou escrever vai desagradar à maioria dos leitores que, num mal-aventurado momento, poisarem os olhos sobre esta insulsa prosa.

Mas, escrever numa revista onde se respira saúde, onde se tomam atitudes lavadas e tem à entrada o letreiro «É proibida a entrada aos conselheiros Acácios», implica dizer-se a verdade, toda a verdade e só a verdade.

A fé de quem sou juro que não esconderei, do pouco que sei, nenhuma faceta do sempre momentoso problema do cinema português.

E tu, minha amiga, que tens sempre um sorriso aberto para todas as manifestações da tua mocidade impetuosa, e tu, meu amigo, que ainda vogas na gôndola sonhadora da mais utópica esperança, não vos zangueis comigo, mas também, não concordeis. Esperai, apenas, que vos surja o primeiro cabelo branco que com ele, tenho a certeza, virá a concordância com a minha sincera, embora irreverente, maneira de ver.

Tem-me ensinado a prática da vida, pelo que tenho visto e pelo que tenho feito, que ninguém com o cérebro normalmente constituído, emprega o seu capital numa empresa cinematográfica, ou em outra qualquer, sem ter em mira aumentar esse capital.

Suponho até que é a segunda preocupação de quem tenta produzir um filme, mesmo com dinheiro alheio, partindo eu do ingénuo princípio de que todo o cultor do Belo coloca, acima de tudo, a sua proibidade artística.

Sabendo-se de ante-mão a dificuldade que, presentemente, há de conseguir capitais para qualquer exploração artística, mesmo para a de imediatos resultados financeiros, é natural que o primeiro cuidado do produtor cinematográfico seja defender, antecipadamente, o capital que empregar em qualquer filme.

Não contemos a estafada história de que ao artista não interessa a parte material, ou, melhor, comercial, de qualquer manifestação de arte. Isso são favas contadas.

Sendo assim e já que Leitão de Barros e depois Cottinelli demonstraram até onde podem ir as nossas possibilidades de produção sonora, e tantas e tão variadas são elas, urge que, agora, em vez de andarmos, novamente, a brincar às fitas, entremos no único caminho por onde devemos enveredar, perdão, por onde devem seguir aqueles que pensam, querem e podem fazer cinema em Portugal.

Eu sei que a grande maioria dos cinéfilos gostaria de ver um filme português caracterisadamente desportivo, no qual fôsse possível apresentar as qualidades físicas da nossa raça, desgraçadamente, tam esfrangalhada.

Conheço muito bem o prazer que teria a grande maioria das raparigas cinéfilas em ver, ou interpretar, um filme de ambiente cosmopolita, com grandes palaces, dancings, cabarets, etc.

Supõem uns e outros — e eu não lhes quero mal por isso, porque, também, nunca tive vergonha de ter tido vinte anos — que uma película que possuísse qualquer destas características, ou mesmo as duas juntas, conseguirá, com facilidade, colocação no mercado internacional.

Há, até, quem suponha que uma novela empolgante, romântica ou policial, uma comédia ou farsa, moderna, escrita com todo o sentido cinematográfico, filmada com ângulos exquisitos, com a mais moderna técnica, seria o assunto infalível.

Mas, uns e outros vivem embalados nesse lindo sonho que, pelo seu deslumbramento, não os deixa ter em conta a defesa do capital a empregar na produção de filmes, por que não lhes permite verificar de que massa heterogénea, de que sucata amorfa, é feito esse público que intempestivamente assalta os bilheteiras, que enche os salões e vai para casa dizer à família, ou para o escritório e para a oficina, dizer aos camaradas, o que é o filme que viu, quer gostasse ou não.

Hoje, se quisermos aproveitar a boa estrela que paira sobre a produção portuguesa temos que escolher os assuntos que, previamente, nos dêem a certeza de que o público vai vê-los, qualquer que seja a opinião, nem sempre prática e lógica da crítica.

Mas, não se impacientem que eu digo como se deve fazer cinema em Portugal.

Sabido como é que a música constitui um grande valor adentro do cinema sonoro e conhecendo-se, infelizmente, a falta de garra e de inspiração dos compositores contemporâneos, ha que vencer esta dificuldade.

Ora, o grande negócio, sem nunca descurar a parte artística — o que seria condenável — é conseguir «tiros» de cartaz, que, implicitamente, tenham o êxito assegurado e possuam boa música, o que garantiria o sucesso.

Vocês sabem que ha, no teatro português, uma série de operetas que constituem assuntos que são, absolutamente, do domínio do público, que ha muito não vêem a luz da ribalta, mas, cujos motivos não são de ontem, nem de hoje, nem de amanhã, mas, de sempre?

Vocês sabem que as partituras dessas peças ainda constituem, hoje, o padrão-ouro da música portuguesa?

Vocês sabem o que valem as obras de Ciriaco Cardoso, Manuel de Figueiredo, Filipe Duarte e tantos outros que a nossa geração ainda não substituiu?

Ora pensem dez minutos neste assunto e verifiquem se não temos aí tantos «tiros» de bilheteira, tantos motivos que se impõem à nossa alma de portugueses e à curiosidade dos estrangeiros, tanta beleza pictórica, anímica e musical a aproveitar.

Depois, viria a segunda e terceira séries, outros assuntos.

Mas, não suponham que é difícil adaptar-se peças de teatro ao cinema. O que é preciso é garra directiva, é talento, por que assim como de qualquer pessoa se pode fazer um bom artista cinematográfico, de qualquer assunto se faz um bom filme.

E, de resto, não acrediteis na «blague» do teatro filmado.

O que ha é bom cinema e mau cinema.

Vamos, pois, fazer filmes que imponham a nossa sensibilidade estética, o nosso espirito emotivo, e defendam, simultaneamente, os interesses dos capitalistas e o pão dos artistas e dos realizadores. O resto, são canções, mais ou menos embaladoras e enganadoras.



Vamos criar um club cinematográfico?

A ideia de criarmos um club cinematográfico, a princípio recebida com interesse apenas por alguns ráos cinéfilos verdadeiros, começa a tomar vulto.

As adesões vão chegando, e já podemos começar a acalantar a esperança de que não tem sido baldado o nosso trabalho nem se têm perdido os nossos esforços.

Contra o que a princípio supunhamos, há ainda bastantes cinéfilos inteligentes para fundar e sustentar com o seu auxílio e a sua boa-vontade uma sociedade cultural como aquela que tentamos erguer e havemos de erguer!

Convençam-se disto, rapazes e raparigas: o nosso club começa a tornar-se uma coisa viável. E com um pouco mais de esforço e perseverança, a coisa arranja-se!

Trata-se agora de combinarmos o que se há-de fazer, para auxiliar o nosso club cinematográfico a passar de coisa viável a coisa realizada.

Para isso queremos que vocês aqui venham todos, no próximo domingo, 18 de Fevereiro, às 4 horas da tarde. Vocês compreendem certamente que esta conversa para que vos convidamos é absolutamente necessária. Trocamos impressões uns com os outros, assentamos no que se há-de fazer, traçamos, em suma, um plano de batalha em forma, e depois começa cada um a trabalhar pelo seu lado para conseguir as inscrições absolutamente indispensáveis a começar a realização da nossa ideia. Fica assim combinado, portanto. Vocês aparecem aqui no próximo domingo e conversamos sobre o assunto.

A carta que a nossa camarada Marianela de Castro dirigiu às raparigas não deu resultados satisfatórios em absoluto.

Vieram, sim, algumas inscrições, algumas cartas cheias de baa-vontade, cheias de entusiasmo; outras, com um certo ar envergonhado e modesto, assim como a medo; outras ainda perguntando coisas, pedindo informações. Mas tudo isto é pouco, tristemente pouco.

Com que então, meninas, não estão dispostas a desempoeirar-se? Não querem pôr de parte o crochet, o bordado inglês, os livros do senhor Julio Dantas e quejandas coisas tam nefastas à vida como a falta de ar? Vocês são os nossos pecados!

Ora vamos a vêr se nos entendemos duma vez para sempre. Que julgam vocês que seja um club cinematográfico? Um antro de perdição? Um lugar onde vos falarão ao respeito, onde vos ensinarão coisas feias, essas coisas que vocês aprendem nos livros que tiram, sorrateiramente, da biblioteca privativa do mano, e depois vão contar, entre envergonhadas e vaidosas, àquelas das vossas amigas cujos manos ou não têm livros ou os fecham à chave quando saiem?

Nada disso, minhas meninas. Bem me queria parecer que andava ai coisa estranha! Um club cinematográfico é uma associação destinada a discutir, comentar e aprender a arte cinematográfica. E não vos parece que o cinema seja a arte do futuro? Não? Pois sinto muito, mas é.

De Lisboa e da provincia tem chegado à nossa redacção várias inscrições.

Não podemos deixar de agradecer particularmente aos camaradas que as subcrevem, salientando ao mesmo tempo a sinceridade e a força do seu amor pela arte que nos propomos defender e auxiliar, dentro do nosso raio de acção, forçadamente restrito, com todas as nossas forças, com toda a nossa vontade e com uma perseverança que nem os obstáculos nem os desgostos conseguirão diminuir.

Reparem nisto: aqueles que assim de longe vêm coadjuvar a nossa ideia bem merecem o nosso agradecimento porque serão exactamente os únicos que pouco ou nada poderão beneficiar das vantagens que o nosso club cinematográfico venha porventura a proporcionar aos seus associados.

Sinceramente lhes agradecemos, portanto, conservando os seus nomes entre os dos primeiros e os dos melhores.

A ideia de criarmos um club cinematográfico andava há muito comnôco, no cantinho que reservamos às ideias mais queridas, àquelas que com mais carinho e amor alimentamos. Parece-nos oportuno o momento para lhe dar vida. A crise que atravessa o cinema em todo o mundo, pela maior industrialisação da produção e pelo abaixamento do seu nível cultural e artístico; o comêco de estabilisação da produção nacional; a própria agitação surda que atravessa o estado social e político e em que a poderôsissima facilidade de expressão do cinema pode ser uma arma sem igual para a renovação, tornam o momento presente particularmente bem escolhido para se começar criando uma opinião que será uma força consciente, organizada e metódica que mereça atenção e que mereça respeito. Mãos à obra portanto, rapazes e raparigas! Apareçam aqui no próximo domingo, às 4 horas da tarde.





Vamos fazer «psicologia» sôbre esta gravura. O Raul de Carvalho, convencidíssimo de não ser com vinagre que se apanham môscas, pede à Olly, com a sua voz mais terna, qualquer coisa em que parece ter muito interesse e que nós não sabemos o que seja, mas desconfiamos..... A Olly, por sua vez, que já sabe como «êles cantam» não está mesmo nada disposta a ir no bote, tanto mais que surpreendeu na página ao lado os intuitos concupiscentes do cavalleiro.





A música portuguesa no filme

«GADO BRAVO»

Não gosto de galvanizar cadáveres. Em arte, é uma experiência mais que inútil: prejudicial. E por isso, não me assustando com ideias novas, com novos processos, me resolvi a compôr para o cinema sonoro.

A muitos dos nossos compatriotas parecerá estranho que um músico sinfónico se dedique à mais moderna das artes; os factos, porém, mostram-nos que os operistas se acolhem mais dificilmente ao *écran*. Porquê? Muito simplesmente porque o músico puro não se sente tam directamente ferido na sua arte pelos progressos da mecânica sonora.

Mas não colaborei no filme «Gado Bravo» unicamente pelas afinidades existentes entre a minha arte e o cinema sonoro. Não o teria feito se não tivesse confiança em H. da Costa e no bloco formado para a produção de «Gado Bravo». H. da Costa, não o esqueçamos nunca, tem direito à gratidão dos artistas da nossa terra por ser o maior propagandista em Portugal do cinema elevado, da cinematografia de vanguarda; os seus colaboradores na primeira produção da grande firma distribuidora portuguesa, são, no teatro, no cinema e na técnica, do melhor que se tem apresentado em cinematografia de língua portuguesa.

Outra circunstância me atraiu: a necessidade de acrescentar à técnica da minha profissão, mais um aspecto, tam necessário, que já foi incluído na organização dos mais progressivos de entre os estabelecimentos de ensino da música.

Tenho tomado conhecimento, desde que se publicam, dos principais livros de composição musical cinematográfica. Sentindo porém que não era o suficiente para bem possuir a respectiva técnica, quiz trabalhar num filme ao ar livre e no estúdio, e creio ter feito bem. Como a «disciplina militar prestante», a arte cinematográfica não se aprende só «na fantasia», mas principalmente «vendo, tratando e pelejando».

Restava ainda a necessidade de um conselho avisado, de uma experiência certa, para quem, como eu, fazia pela primeira vez um filme e debutava com uma obra cuja matéria, na opinião de técnicos sabedores, era difícil de dominar. Esse conselho e essa experiência não me faltaram no meu eminente colega Hans May, autor da música de dezenas de filmes e figura de destaque na produção mundial. Creio mostrar ter aproveitado com a colaboração e com a camaradagem de Hans May, se disser que a composição musical cinematográfica não é música de câmara, não é música sinfónica, não é ópera sobretudo, mas contém de todos os géneros musicais um pouco, e muitos mais que apenas se começam a explorar e nos abrem um campo ilimitado de possibilidades.

Tem-se chamado ao período histórico actual: «a época do novo realismo». Se assim é, a arte cinematográfica é sem contestação a arte do nosso tempo, e é também a arte que não admite o pseudo-nacionalismo, o pseudo-regionalismo que fez fortuna no velho teatro musicado.

Por isso, o meu primeiro trabalho, ao abordar a composição da parte portuguesa da música do «Gado Bravo», foi o estudo e a classificação dos temas folclóricos impostos pelo assunto. Reuni todos os nossos cancioneiros populares publicados, dirigi-me aos coleccionadores que me pareceram mais interessantes, e utilizei a minha colecção pessoal, tornada especialmente rica, no ramo ribatejano, pelos interesses de família que freqüentemente me levam a percorrer a região.

Debati largamente no meu espírito a questão prévia da composição de números originais, ou da simples utilização de trechos populares. Todas as circunstâncias que tinha a ponderar, me obrigaram a compôr, a compôr folclóricamente, como não podia deixar de ser, portanto com o máximo respeito pela ingenuidade da autêntica música popular e sem a ladince da música de revista ou de *music-hall*. Subordinei a estes princípios a composição da cena das lavadeiras.

Encetei, a seguir, a composição do fado de Pascoal, personagem típica do filme, difícil de tratar como todas as personagens que passaram de uma boa posição social para o abandono, senão para a miséria, e que são ao mesmo tempo instruídas e ignorantes, humildes e orgulhosas, homens do campo e homens da cidade.

Pascoal sendo um marialva «que apenas se encanta no choro das guitarradas», como êle diz no filme, é antigo cavaleiro taumático e portanto de um tipo psicológico totalmente diverso do da estúrdia desportiva de hoje. O fado do Parque Mayer pode ser uma canção da época do *futebol*, o fado do Pascoal tinha de ser o clássico choradinho, não do actual período dos *taxis*, mas do tempo das tipoias, dos batedores, e dos cavaleiros.

Por todas as minhas anteriores considerações, se verá porém, que eu não me podia limitar à cópia de um bom exemplo de fado em estilo fim do século XIX. O mundo caminha, mesmo para o Pascoal, e o fado do cavaleiro decaído, não podia ser senão um choradinho 1903 estilizado de modo a não ser inverosímil em 1933.

A restante música portuguesa do «Gado Bravo», obedece igualmente aos princípios expostos: folclorismo documentadamente fundado, realismo e objectividade sem deixar de atender ao que exige a estética especial da composição para o cinema, e procura de um estilo popular acima do nível da revista e da opereta.

Êste foi o fim que o compositor teve em vista. À crítica e ao público pertence agora julgar se êsse fim foi atingido.

E, para terminar, não quero deixar de dizer aos leitores de «Movimento» que me sinto muito bem no meio cinematográfico, exprimindo a António Lopes Ribeiro a minha gratidão por me ter trazido a êste novo e interessantíssimo campo de actividade artística.

Luís de Freitas Branco





Mariana Alves regressa ao cinema. A rapariga que na ronda nocturna da «Severa» nos dera uma pequena amostra da sua cristalina vózinha de ouro, aparece novamente em «GADO BRAVO», tornada em lavadeira louçã do Ribatejo, frêscã, alegre, reboludinha e mexida. E usa, no filme, o seu próprio nome: MARIANA.



OLLY GEBAUER (*Nina*)— Já representava há 3 anos, quando, num concurso de belêsa, foi aclamada Miss Viena 1929. Em Viena, sua terra natal, e em Berlim, onde vivia ultimamente, conquistou as plateias em dezenas de operetas, («PRINCIPE ORLOFF», em que se estreou, «A Princesa das Czarças», com Albers, «Wiener Blut», de Strauss, «Abschirds Souper», «Der Page des Königs», etc.) pela sua rara belêsa, o seu real talento e a sua voz maravilhosa. O seu primeiro filme, intitulava-se «Ein Ausgekochte Junge» e tinha por protagonista Siegfried Arno. Tomou parte em muitas versões alemãs de filmes da U.F.A. («Ronny», «Geschäft mit Amerika», etc.) sendo substituída nas versões francêsas, razão porque não é conhecida em Portugal. Em 1931 casou com o realizador Max Nosseck, que super-visou o filme «Gado Bravo», acompanhando-o, apesar-de católica, quando da sua vinda para Paris. H. da Costa entregou-lhe o papel de Nina, a «vamp» de «Gado Bravo», sem se importar com o facto de Olly Gebauer se ter especializado em papeis ligeiros, de acentuado carácter alegre. Não tem de que se arrepender, porque todos são unânimes em declarar que, até ali, Olly tinha sido mal aproveitada. Como Siegfried Arno, fala português durante todo o filme, e por vezes tão bem—que quasi não se acredita. Encantada com Portugal, tenciona passar no Estoril as suas próximas férias. Levou do nosso pais um cão a que chama «Farrobo», nome do Palácio que o Bloco habitou no Ribatejo...



RAUL DE CARVALHO, (*Manuel Garrido*)—Desde muito novo que manifesta pelo teatro uma verdadeira paixão. Entrou para o teatro em 1921, para a Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, quando da sua fundação. Estreou-se no Teatro de S. Carlos, na peça de Alfredo Cortez «Zilda». Abandonou essa companhia em 1928 para formar uma companhia com Ilda Stichini, percorrendo então as Ilhas e a Província. Depois trabalhou durante um ano com Adelina e Aura Abranches e Maria Mattos. Em 1930 tornou a ingressar na Companhia de Amélia Rey Colaço, triunfando no Teatro Nacional Almeida Garrett em dezenas de criações: «Além-Mar» (Marius), «Junot», «Fascinação», etc. Tem praticado todos os géneros, desde a tragédia histórica à revista e à farsa, notabilizando-se sempre. Possuidor duma bela voz, que nem sempre é convenientemente utilizada, distingue-se pela sobriedade de processos. O cinema apaixonou-o tanto como o teatro. Em 1930 foi contratado pela Paramount de Paris para interpretar «A Canção do Berço» e «A Mulher que ri», ao lado de Corina Freire. Apesar da infelicidade dessas produções, demonstrou claramente as suas possibilidades como actor de cinema, que acaba de confirmar em «Gado Bravo». O seu artista preferido é Charles Boyer.



A superioridade cinematográfica do campino sobre o cow-boy

Temos muitas vezes insistido, na nossa longa lista de artigos sobre *Cinema de Amadores* — cujo conjunto e perseverança chegam a dar a ideia de uma autêntica campanha ou dum apostolado — na necessidade do «movimento» em tudo que diga respeito aos motivos escolhidos para filmagem.

E insistimos nessa rubrica porque estamos a cada passo a ver a preocupação excessiva dos nossos operadores-amadores em apresentarem obras de arquitectura e motivos de paisagem em que o movimento, elemento fundamental por definição, é sacrificado à perfeição pictórica, capricho fotográfico e elemento de segundo plano.

Movimento e ar livre — eram as duas grandes directrizes na adolescência do cinema, aí por 1920. Movimento e ar livre são ainda hoje as maiores preocupações estéticas do cinema soviético, porventura a mais progressiva e renovadora das escolas cinematográficas.

Foram sem dúvida os americanos quem encontrou primeiro essa verdadeira fórmula do cinema, criando os filmes de cow-boys que outrora nos entusiasmaram com Rio Gim e ainda hoje nos entretêm com Tom Mix.

Fórmula eterna essa, que tão bem quadrava aos nossos sentimentos de então e que ainda hoje tem viva actualidade!

Quando lêmos nas notícias dos jornais que o «Bloco H. da Costa» tinha escolhido o Ribatejo e os campos como fundo do seu primeiro filme «Gado Bravo», essa antiga alma do admirador de Rio Gim e de Tom Mix, renasceu dentro de nós. Na figura do campino, que a cultura e o bom-gosto de António Lopes Ribeiro nos iriam apresentar, agitando, enchendo de contraste e de alegria castiça um filme inteiro, ressuscitava muito mais belo, o nosso cow-boy!

Foi ao vêr correr alguns metros de «Gado Bravo», para experiência, que essa figura que Gärtner soube surpreender na sua máxima expressão cineástica e no seu melhor enquadramento fotográfico, revelada assim por um grande artista da câmara, venceu na sua comparação que instintivamente se fez dentro do nosso espírito, com o cow-boy que há quinze anos representou para nós o motivo cinematográfico máximo.

O nosso campino é um vulto esbelto, um pouco hierático, cheio de nobreza e elegância enquanto o cow-boy é um vulto de outro género, mais espesso, mais ligado à terra, mais confundível com os horizontes pardacentos da montanha.

O campino ergue-se, na planície, como estátua esguia, ora imobilizada em atitudes garbosas, ora correndo, sem perder a sua linha airosa, num friso de graça espontânea; o cow-boy, mesmo quieto, está sempre na ancia de se deslocar, de se agitar, de varar o espaço — e, na corrida, descompõe-se mais, junta-se mais à silhueta do cavalo, é um valor dinâmico sem autonomia própria.

O campino tem um aprumo dominador e simples; o cow-boy é menos aristocrata no recorte do seu desenho brusco. O traje do campino é mais decorativo, mais harmonioso, feito de cores vivas e marcadas; o traje do cow-boy é uma vaga miscelânea de tons surdos, que se baralham numa sinfonia gémea da terra.

Enfim, o cow-boy lembra sempre a aventura romanesca, a perseguição movimentada, o inevitável laço que, serpenteando no ar, vai envolver e salvar uma mulher em perigo ou vai prender e arrastar no solo o criminoso que foge.

O campino dá-nos uma sugestão diferente, a do império sobre os gados e sobre a distância, a da irmandade com o sol e o vento, a dos grandes extasis boémios com a natureza e com as forças elementares da vida.

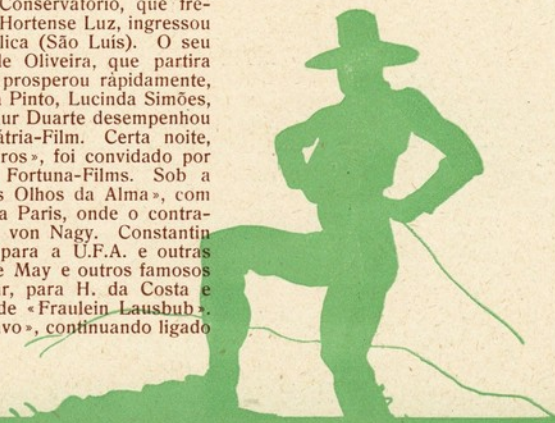
O cow-boy numa palavra, é uma figura de novela, o campino é uma figura de poema.

Dando-nos o «movimento» que satisfaz à larga as exigências estéticas do filme, o campino, a par das belezas essencialmente cinegráficas, consegue pelo seu maior humanismo e pela sua mais completa expressão patética, tocar de mais perto a alma sensível do público.





ARTHUR DUARTE (*Arthur Fernandes*)—Primeiro prémio do Conservatório, que frequentou com Lily Damita, e donde saiu, em 1919, juntamente com Hortense Luz, ingressou na companhia Rosas e Brazão, que actuava no Teatro da República (São Luís). O seu grande êxito foi «Os Dois Garotos» onde substituiu Joaquim de Oliveira, que partira uma perna no ensaio geral. A sua carreira teatral afirmou-se e prosperou rapidamente, trabalhando ao lado dos melhores, como Ferreira da Silva, Ângela Pinto, Lucinda Simões, etc. Desde os primeiros passos do cinema em Portugal que Arthur Duarte desempenhou diversos cargos e papéis, para a Caldevilla, a Invicta e a Pátria-Film. Certa noite, em 1922 quando representava no Nacional o «Auto dos Faroleiros», foi convidado por Virgínia de Castro e Almeida para actuar nas produções da Fortuna-Films. Sob a direcção de Roger Léon, interpretou «A Sereia de Pedra» e «Os Olhos da Alma», com Jean Murat. Fascinado pela atracção do estrangeiro, emigrou para Paris, onde o contrataram para desempenhar «O Navio de Cristal», ao lado de Käte von Nagy. Constantin J. David levou-o para Berlim, onde trabalhou de 1927 a 1932, para a U.F.A. e outras importantes firmas, sob a direcção de Pabst, David, Schünzel, Joe May e outros famosos realizadores. Só regressou a Portugal em 1930, para interpretar, para H. da Costa e sob a direcção de António Lopes Ribeiro, as cenas portuguesas de «Fraulein Lausbub». Com o mesmo produtor e realizador interpretou agora «Gado Bravo», continuando ligado ao Bloco H. da Costa, de que é Assistente Geral.



Nós, os rapazes de vinte anos...

Portugal ainda não acertou o passo com as outras nações, — ainda não se embaloou no ritmo da vida moderna..... Andamos atrasados alguns anos..... E este atraso, que nos envergonha, que nos deixa ficar mal, é talvez motivado pelo derrotismo ingénuo e rotineiro da gente portuguesa, — ou pelo receio de que nos chamem pouco patriotas por copiarmos as sugestões do estrangeiro.....

Em Portugal só agora chegou a hora dos novos. Desorientados, fremitando de inferioridade, os grandes senhores, os consagrados, olham para as atitudes irreverentes, atrevidas dos novos, — dos rapazes de vinte anos..... E, — teimosos, cabeçudos, enfatuados —, acham impertinência no nosso maneirismo de audaciosos e de decididos, têm apenas meia duzia de cautelosas palavras de comentários, — mas, em segredo, para não se comprometerem, começam a recortar as nossas atitudes com a paciência beneditina de quem colecciona sêlos, num vago receio de um dia terem de actualizar os seus conhecimentos de literatura, de arte, de cinema, infantilizados pela sua altivez mesquinha e pelo seu desdém pertinaz..... Sim, meus senhores!..... A época que passa é a época dos novos, — é a época dos rapazes de vinte e poucos anos.....

Esfomeados de glória e de fama, os novos vieram revolucionar a indiferença geral, vieram sacudir os espíritos indolentes com a apresentação de novas doutrinas sociais, económicas, políticas, literárias, artísticas..... Aprisionaram juízos gritantes e idéas selvagens em fórmulas modernas, desempoeiradas e justas, — e estas fórmulas, de princípio combatidas e desprezadas e recebidas com irónicos gracejos, estão agora a substituir com vantagem as tristes e desconsoladas fórmulas que teimosamente têm regido toda a nossa actividade mental e artística e que já há muito abriram falência por se ter manifestado caquexia senil nos seus defensores e apaniguados..... E assim se vai fazendo o pouco e pouco uma autêntica revisão geral de teorias e de valores e vão aparecendo, — hoje um, amanhã outro —, novos ídolos aureolados de prestígio.....

Luis Teixeira, — um novo que se perdeu no confusãoismo da imprensa —, notou num dos seus curiosos livros a falência dos romances de quatrocentas páginas e das peças em cinco actos, — que foram a enterrar com as últimas tipóias e com o cinema silencioso..... Segundo as idéas em voga, as obras literárias, — que foram perdendo em extensão e ganhando em intensidade emotiva —, vão largando os posições, os lugares comuns, as complicações escusadas, — vão-se despindo de roupagens roçagantes e artificiosas..... Actualmente caminhamos para uma maior simplicidade, — damos mais uns passos na conquista da Verdade..... O mesmo sucede na arquitectura, na escultura, no cinema, — que é o verdadeiro e mais completo espectáculo da actualidade.

Certas pessoas mais parciais ou menos espertas chamam-nos futuristas, vanguardistas e outros palavrões feios, — esquecendo-se muito lamentavelmente de que nós temos somente a pretensão de viver integrados na nossa época, que queremos somente ser modernistas..... Mas nós fechamos os ouvidos aos comentários da gente que passa e que fica perdida pelas calçadas e pelas mesas dos cafés, e continuamos na esperança de melhores dias, — que já não podem tardar muito..... Porque a época que passa é a época dos novos, — é a época dos rapazes de vinte e poucos anos.....

O empreendimento arrojado, a intenção meritória, — de verdadeira higiene intelectual —, que a apresentação ao público de uma qualquer obra modernista traduz, — sobra muitas vezes ao embate com a primeira contrariedade, fenece com a algazarra maldosa dos nossos adversários, — que de longe nos fazem um caricato e arrelizador *piez de nez*..... E a maré derrotista alastra e há muitos novos que se assustam com o desmoralizador «dize tu — direi eu» das conversas dos cafés, — e teimam em seguir ideologias falhadas, em seguir os velhos rotineiros e casmurros..... São os tímidos, os acanhados, — os que são velhos aos vinte anos.....

Os outros, os audaciosos, sem um disfarce, teimosos, provocantes, metem-se até onde não são chamados e por vezes caem em enternecedoras atitudes de ingenuidade e chegam ao fim vencidos..... Então os consagrados, — que apoiam e defendem por compreensível comodismo ou natural falta de inteligência e de sensibilidade tudo o que está estatuído desde os mais remotos tempos, seja literatura, política ou cinema —, aproveitam a ocasião para falar na sua infalibilidade patriarcal e no seu incomensurável talento, — talento criado em *série* pelo elogio-mútuo —, e apontam, frementes de gôso, os insucessos e as incoerências dos novos, — dos rapazes de vinte e poucos anos.....

.....Mas onde eles vêm incoerências, onde eles vêm insucessos, vemos nós simplesmente um audacioso desejo de vencer, — uma onda de renovação que procura afastar, subjugar as preciosidades arcaicas, os botas-de-elástico..... E se nestas ocasiões o critério dos novos é falho de verdade, — ao menos que se reconheça o mérito das nossas intenções.....





Siegfried Arno aparece em GADO BRAVO, trazendo ao filme do Bloco H. da Costa, o seu talento. E o seu talento é tam pequeno que fez dêle, em pouco tempo, o melhor cômico cinematográfico europeu, com desempenhos tais que nunca mais nos esqueceram. Em GADO BRAVO faz Siegfried Arno o papel de um homem de negócios alemão, secretário ou coisa parecida de Olly Gebauer, e o seu nome é JACKSON.



Cinema: arte ou espectáculo?

Parece que há por aí quem se veja aflito com este dilema: o cinema é uma arte ou um espectáculo? Se querem que lhes diga a minha opinião, ela aí vai com toda a franqueza: parece que são parvos!

O vazio intelectual de certos sujeitos leva-os a coisas como esta: inventar problemas, para ter assunto, já que são absolutamente incapazes de dar a mais pequena sugestão para resolver os que já existem. Arte ou espectáculo?! Mas que ideia de arte, e que ideia de espectáculo têm os tais (como se diz no fado)! Uma floresta a arder é um espectáculo—a não ser que o espectador seja o dono dela, ou que os seus sentimentos fraternais para com as coisas e os homens o levem a vêr as consequências, e não apenas a festa que o incêndio é para os olhos; é espectáculo um belo pôr do sol, o amanhecer no alto duma serra, uma linda mulher que nos espaventa os olhos. Mas isto é um sentido restrito de espectáculo, porque o é também, se usarmos a palavra em seu puro sentido etimológico, tudo o que se vê. Ora o cinema tanto é espectáculo no primeiro como no segundo sentido. Concluamos pois que aos inventores do problema a palavra espectáculo serviu para exprimir outra coisa. E qual será ela? A seguinte: que a arte é uma coisa séria, que muitas vezes pode até ser dramática e mesmo trágica, e que o cinema deve ter uma função semelhante à da aspirina: uma aspirina que nos liberta das preocupações graves, que nos anestesia a consciência de muita coisa desagradável, etc. Em suma: que o cinema não é arte, porque não deve ser sério. E vivam pois as operetas que se passam num universo de cartão pintado e de bonecos de cera! Vivam as comédias de fazer cócegas—porque há o *cómico-sério*, há Charlot e outros mais—, as farsas de fazer atar as mãos à barriga—e que não passam daqui. Mas abaixo êsses atrevidos que se chamam Pudovkin, ou Pabst, René Clair ou Stroheim, êsses estraga-prazeres para quem o riso é também intenção, para quem o drama e a tragédia existem, e que não se contentam com entreter-nos, preferindo impressionar-nos, comover-nos, subjugar-nos. Ah, senhores fabricantes de problemas! *A Multidão*, *A Quimera do Ouro*, *Sob os telhados de Paris*, *Raparigas de Uniforme*, *A Marcha Nupcial*, *A Mãe*? Que grandes massadas, não é verdade? Porque cada um dêstes filmes, e os muitos em que não falo, não nos deixam sair do cinema a assobiar uma valsa: não são da tal aspirina! Cada um dêles nos faz comunicar com a vida por um caminho diferente. Cada um dêles nos revela, na face trágica ou na face cómica da vida, um sentido. E que nos dá mesmo a melhor opereta da nossa querida Liliana (porque, se me não licença, eu gosto *também* dêstes filmes), senão um estado de bem estar principalmente físico, uma euforia breve? Passam por nós como um breve sorriso que não teve tempo de tornar-se em intimidade: são melodias e ritmos bem combinados; mas falta-lhes *sentido*, isto é: falta-lhes a vibração humana que nos faça sentir aqueles seres como nossos irmãos. Sim, tais filmes não são arte: está muito bem que se lhes chame espectáculos, porque são apenas para vêr até onde os olhos alcançam, e sem essas profundidades que ficam para lá do que é apenas de vêr. É que uma obra vale como arte quando exprime maneiras de ser ou vêr, tendências ou estados que valem universalmente: que são *dominantes* da natureza humana.

Esse medo à seriedade, característico daquêles que tanto pugnam pela superficialidade sorridente, é uma daquelas formas pelas quais se exprime a reacção dos que carecem de personalidade, contra o que numa época é mais capaz de a revelar. Os dêbeis de sensibilidade de espírito, certamente que não suportam alimentos fortes. Deixemos-lhes pois o tal espectáculo, e fiquemos com a arte e com o espectáculo. Porque a nossa vantagem é que a preferência por esta não proíbe de apreciar aquêle. E tu, leitora ou leitor, se queres deixar atrapalhado um dos tais cavaleiros andantes do espectáculo, pergunta-lhe se gostou de *Raparigas de Uniforme* ou da *Tragédia da Mina*; verificarás com espanto que êles gostaram! Donde se conclui que aquilo afinal é um snobismo; porque é tão falsa a admiração que dizem ter por êsses filmes, como a crença na verdade da teoria-do-cinema-espectáculo. E se é snobismo, nada mais tens a fazer do que voltar-lhes as costas, que é a única receita prática para medicar essa doença infecciosa.





NITA BRANDÃO (*Branca*)—Natural do Porto, educada no Rio de Janeiro e em Paris, desde muito pequena que sonha exclusivamente com o cinema. Os pais, que são dos que tem a inteligência de não contrariar a vocação dos filhos, facilitaram-lhe a tarefa. Desempenhou pequenos papeis na Paramount e na Pathé-Natan, para quem traduz as legendas dos filmes destinados ao Brasil. Aluna duma escola de dança, é discípula de António Sérgio, que a conheceu quando ambos trabalhavam nas produções portuguesas da Paramount, e que a distingue com a sua amizade. O primeiro papel importante que desempenha num filme é a Branca de «Gado Bravo». H. da Costa quiz aproveitar a sua beleza simpática, a sua natural distinção, a sua frescura, que vão grangear-lhe certamente o agrado das mulheres portuguesas, que ela representa no filme, e um não pequeno número de admiradores.

O conflito sentimental em «GADO BRAVO»

Uma das características do filme «Gado Bravo» que o Bloco H. da Costa nos vem apresentar nestes tempos engeridos, de frio e de produção cinematográfica, é—além do sol, esplêndido e fecundo, que traz às nossas epidermes e às nossas almas transidas—o panorama dum discreto conflito amoroso caracterisadamente meridional e português, passado mais através das veias do que no íntimo duma alma áspera mas generosa de campino habituado ao convívio extenuante e rude com a vida dos nossos pampas ribatejanos, cheios de colorido e de força. Só por si, bastaria já a intenção feliz desse motivo psicológico para valorizar o filme, quando é muito certo que os fonofilmes portugueses até hoje exibidos em Portugal e respectivos Algarves, são duma penúria e desgraça quasi jóbica a tal respeito.

Porque enfim, é preciso não confundir trama sentimental, necessária sem dúvida como motivo de ligação entre as diversas peripécias duma qualquer historieta de folhetim aos fascículos, que se invente com o deliberado intuito de lisongear, e *lisongear* apenas, o público sempre ávido de enredos de namoricos de costureirinhas ingénuas e estudantes relapsos e aldrabões, vindo *découpá-los* para o cinema—com o conflito, embora simples, passado numa alma simples também, mas violenta e ardida de moço, estuante de entusiasmo e plerórico da vida heróica da nossa gente da lezíria, viril e elástica, sabido demais ainda que ao mesmo público não agradam entretanto as grandes complicações sentimentais e enfim todos aqueles dramas interiores que estamos habituados a conviver nos bons filmes alemães do género, e sobretudo nos filmes—nos escassos filmes russos (vez não são vezes!) que em tempos nos foi dado observar nos *écrans* do nosso país. Julgo até que, como documentário etnográfico e quasi que psicológico da indole do nosso povo, estava «Gado Bravo», mais do que qualquer outro fonofilme português, indicado para apresentar-se como instrumento de propaganda nacional e afirmar, já não digo a *superioridade dogmática*, mas a possível concorrência dos portugueses a trabalhar para o estrangeiro, e como tal merecer a sua empresa produtora, por parte do Estado, protecção idêntica à das empresas produtoras congêneres.

É a Raúl de Carvalho que incumbe esse papel de campino, ao mesmo tempo vigoroso e ágil, amoroso e versátil. Ante os seus olhos pávidos, animados pela poalha fosforescente que o grande sol do meio-dia peninsular faz joiar e dissipa através a vastidão da planície transudando fecundidade plena, surge-lhe um desses claros gélos do norte prenunciando misteriosas promessas de voluptuosidade ainda ignorada no vulto insinuante e esbelto duma artista de cinema que a Portugal vem filmar, e lhe confunde os sentidos deslumbrados pela sua beleza aparentemente macia e fria, mas provocadora de tempestades íntimas, desvairante, singularmente prevertida e estranha. E é Olly Gebauer com o entusiasmo heróico da sua belêsa aberta a todas as promessas, que se oferece, na sua total plenitude, à exaltação de sentidos do nobre cavaleiro ribatejano, meridional de origem e de temperamento, o qual é arrastado pela capciosa miragem desse amor trasbordante que deslumbra mas queima, que exalta mas perturba, que dissolve e que termina por desvanecer-se, como no nítido azul do firmamento a mancha algodoada dum cirro se dissipa à acção corrosiva dos ventos gerais. Surge Nita Brandão, porém, no desempenho duma Solvejg meridional e verdadeiramente portuguesa que, pela graça tranqüila do seu olhar lavado e meigo, pela música subtil da sua voz, pelo sortilégio benéfico do seu sorriso quasi esquecido de si, pela presença e aspecto núbil do seu jeito de gomil ou de asa, por toda a sua feminina e ingénuo fragilidade de menina e moça, vem trazer o equilíbrio áqueles nervos destranchados, indiferentes e inertes pela acção dissolvente dum excesso incontinente de volúpia, embora efêmero, e com esse equilíbrio salutar a felicidade prometida para o seu coração de transviado, aquela felicidade que é duradoura e não mente nunca porque é natural e simples, e se funda, mais do que no amor, por sua natureza embusteiro e equivoco, na amizade reciproca e sem termo daqueles que para si tomaram o designio dum destino comum. Isto, sob a clara luminosidade sub-tropical desse amplo panorama que nos oferece a imensidade da lezíria ou a crepitante charneca do nosso Alentejo cheio de colorido e de pitoresco com a vida intensa dos seus gados e dos gaúchos.

Não sei, é certo, se todos irão bem no papel que lhes coube. Isso é da responsabilidade exclusiva do realizador que, na actuação dos seus intérpretes mostrará até onde podem ir as suas possibilidades e recursos de cineasta. Sei só, através as fotografias publicitárias do filme, que cada qual se nos apresenta na proporção exigida para a altura do papel que lhes foi distribuído, deles sobressaindo, pelo menos, todo o efeito cenográfico que um filme requiere, sem nos dar a sensação de que estamos a assistir à mutação de cenas à luz duma ribalta. Raúl de Carvalho que ocupa no filme o lugar de maior destaque e portanto de maior responsabilidade, apresenta-se-nos nessas fotografias como nunca se apresentou no palco, o que é já uma promessa. Uma luz nova, cheia de vigor e de intenção ilumina o seu rosto e todo o seu vulto rijo e forte, dando-lhe toda aquela expressão que a compleição da personagem desempenhada requiere. E isso, mais do que uma promessa, é já uma conquista.

Certo que isto é pouco e contingente sobretudo, sendo muito natural que no decorrer da exibição todas essas mesmas qualidades agora apontadas decaiam e até se transudem em defeitos. Não é caso novo nem singular na história da cinematografia. Esperemos, portanto, a sua exibição para dizermos a última palavra, tanto mais que outros dizem em querer dizer sempre a primeira. Demais, não é ao desempenho nem mesmo à realização a que me quero referir neste momento, senão a boa inspiração que teve quem argumentou o filme e lhe deu unidade cénica. Ir mais além, seria incorrer nos mesmos defeitos, nos gravíssimos defeitos em que foi pródiga certa imprensa cinematográfica que, pretendendo ir além do comentário, apenas legítimo em casos análogos, por tal forma procurou exaltar que se viu na triste condição de ser francamente desmentida pela opinião pública.





Uma cena de «Gado Bravo», no camarim de Manoel Garrido. Vejam o ambiente, como está certo. E vejam o olhar feliz do Raúl, o ar de ternura da Nita e o Artur Duarte então, a querer-nos convencer que desempenha, na cena, o papel do patriarca bíblico.



Aqui cheira muito a «esturro»!
E se as coisas não se compõem
o Siegfried Arno salta às guelras
do «homem que faz o papel de
aventureiro» (é assim que o in-
dicam do Bloco) e a coisa é
muito séria! E daí, talvez isto
seja «fita»!!!





Cinematografia Portuguesa

Por nos parecer do maior interesse para os nossos leitores, iniciamos hoje a publicação do artigo presente, obra de vasta erudição e paciência extrema. Agora que a indústria cinematográfica nacional começa a organizar-se em moldes que parecem — e oxalá sejam! — definitivos, nada mais oportuno.

Obedeço gostosamente a um natural pendor do meu espírito, dia a dia acentuado e confirmado, desenterrando do passado, do esquecimento e... da ingratidão coisas e pessoas, acontecimentos e retalhos de vida, que, quanto mais não seja, podem ser úteis e aproveitáveis como elementos comparativos de estudo.

É o caso da Cinematografia Portuguesa, hoje a caminho do triunfo, brilhantemente impulsionada e dirigida por vontades firmes ao serviço de inteligências alertas. Quantas tentativas e esboços, que soma de energias e de vontades postas ao serviço da Cinematografia Nacional por esses pioneiros portugueses da «sétima arte»! Façamos-lhes justiça, nesta hora em que para o Cinema Português parece que começa a alvorecer o triunfo, em que entramos no caminho das realizações que são realidades.

Parece-me obvio declarar desde já que não julgo, que não posso sonhar em ter a pretensão de que estas notas acerca da produção cinematográfica portuguesa sejam completas e definitivas. É muito possível que falte até, no apontado, o título de alguma fita, quanto mais quaisquer notas respeitantes a uma ou outra das películas citadas.

A primeira fita que se fez em Portugal data de 1907. Apareceu intercalada na revista «Ó da guarda!», então em cena no antigo teatro Príncipe Real, da autoria de Luís Galhardo e Barbosa Júnior. Nessa fitinha, que constituía uma parte da própria revista, entraram: Carlos Leal, Nascimento Fernandes, Luz Veloso, Lucinda do Carmo, Tomás Vieira e outros artistas daquele teatro, assim como o malogrado escritor teatral Acácio Antunes, os autores da revista, Lino Ferreira e Castelo Branco. Intitulava-se «O rapto de uma actriz» essa fitinha-avósinha, cuja metragem era de 600 metros e que foi filmada por João Correia, o decano dos operadores cinematográficos portugueses, o qual, com Manuel Cardoso Pereira, fundára, nesse mesmo ano, a «Portugália-Filme». Isto no que diz respeito a fitas de enredo, porque realmente a primeira fita feita em Portugal, em 1899 ou 1900, foi um documentário (como hoje diríamos) feito por Manuel Maria da Costa Veiga. Intitulava-se *Aspectos da praia de Cascais* e foi exibido no palácio da Duquesa de Palmela, em Cascais. Foi mais tarde oferecido pelo autor ao príncipe D. Luís Filipe. O mesmo operador filmou pouco depois uma parada de alunos da Casa Pia, assim como aspectos das visitas do imperador Guilherme II e de Afonso XIII.

Costa Veiga fundou a nossa primeira empresa produtora «Portugal-Filme», que realizou várias fitas, entre as quais: *Operação de um leão*, *Uma parada de bombeiros*, *Tourada à antiga portuguesa no Campo Pequeno*, *Festas da República*, etc., assim como também o primeiro salão de projecções cinematográficas, na Avenida da Liberdade.

Seguiram-se-lhe as tentativas de *Carlota Angela* e *Diogo Alves*, ambos da «Portugália-Filme». O primeiro destes filmes não chegou sequer a ser concluído e o segundo, concluído à segunda tentativa, não chegou a ser exibido. Tomaram parte na sua filmagem: Nascimento Fernandes, Carlos Leal, Artur Rodrigues, Mário Veloso, Eduardo Vieira, Narciso Vaz, Luz Veloso, Lino Ferreira, Tomás Vieira, Lima Teixeira, A. Avelar, José Tavares, Migueis, etc.

Em 1916 a «Empresa Internacional de Cinematografia», que tinha como operador Ernesto de Albuquerque, fez a comédia *Pratas conquistador* (350 metros) argumento do actor Emídio Ribeiro Pratas, que a desempenhou com Trindade Júnior e A. Contreiras, e alguns documentários.

Nesse ano filmou a casa espanhola «Royal-Filmes», de Barcelona, a peça teatral de Júlio Dantas *O reposteiro verde*.

Também já existiam em 1916 os Serviços Cinematográficos do Exército, e a «Invicta-Filme», de que era operador Manuel Cardoso. Era desta empresa a fita *Um chá nas nuvens*, que teve como intérpretes os célebres escaladores e acrobatas Puertullanos.

Foi ainda nesse arredado ano que vieram a Portugal alguns operadores da casa Gaumont filmar documentários em Alcobaça, Aveiro, Batalha, Braga, Caminha, Cascais, Chaves, Entre-os-Rios, Extremoz, Évora, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Lagos, Lamego, Pedras Salgadas, Portimão, Porto, Régua, S. Pedro do Sul, Santo Tirso, Tomar, Viana do Castelo, Vidago, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia, Vila Real e Vizela.

Em 1917 (Setembro) organisava-se em Lisboa a empresa «Companhia Portuguesa de Comédia Cinematográfica», com sede provisória no cinematógrafo Chiado-Terrasse e destinada à produção de fitas cómicas.

Em princípios de 1918 fundou-se também em Lisboa a «Lusitana-Filme», com sede na rua de S. Bento, a qual tinha como director-gerente Celestino Soares e como director artístico Luís Reis Santos. Nesse mesmo ano Ernesto de Albuquerque funda a «Portugália-Filme» e Nascimento Fernandes associado com Amélia Pereira, a «Portugal-Filme».

(Continua no próximo número)

No momento histórico da última volta de manivela para o filme «Gado Bravo». Da esquerda para a direita Yacks (contra-regra) e Artur Duarte. Depois, de cocorinhas: Siegfried Arno, Lopes Ribeiro, Max Nosseck e Alfred Nosseck, (ajudante). Ao centro, Nita Brandão, tendo por traz o camarada Juan Piqueras, director de «Nuestro Cinema» que nos honra com a sua colaboração, o maestro Luiz de Freitas Branco, H. da Costa e Olly Gebauer. Por cima, encostados à máquina, Raul de Carvalho e Gärtner, seguidos de: Chollet e Kamenffy, respectivamente 2.º e 1.º assistentes do operador.



CRÍTICA

Não deixes a porta aberta — Uma história tanto quanto possível idiota serve de pretexto para o jovem actor brasileiro Raul Roulien patentear a sua voz em canções inspidas e rebolar os olhos para consólo dum certo público feminino... infelizmente mais numeroso do que seria para desejar.

A realização está perfeitamente em harmonia com a vulgaridade do argumento. É uma lástima. Não é só por ser tristemente banal. A própria condução do enredo é desageitada. Repararam que um dos personagens (O bebado), que surge inexplicavelmente no paquete, desaparece, logo em seguida, ninguém sabe como, depois de provocar um incidente que não serve para nada? Repararam que, em consequência desse incidente, aparece uma nova personagem (Mona Maris), que, também ninguém chega a saber para que foi posta ali?

Mas o pior de tudo é haver, ao que parece, muita gente que gosta disto. E se assim é... valha-me Deus!

Testemunho inesperado — Este filme não é cinema. É teatro filmado. A peça donde foi extraído deve estar ali sem alterações, tendo apenas sido alguns diálogos explicativos substituídos por vulgares variações em imagens (cenas iniciais e depoimento da testemunha inesperada). De resto, os três actos estão ali bem marcados, um em casa do suposto assassino, outro no tribunal e outro na polícia. A imagem é simples tributária da palavra, que impéra, soberana em todo o filme, ocupando um lugar que não é o seu dentro da arte cinematográfica. Um excelente desempenho, todavia, consegue manter presa a atenção e criar um certo interesse pelo drama, sem grande valor de concepção mas architectado com alguma habilidade.

O Rei do Nudismo — Eu sempre gostava de saber que doença é essa que pegou aos senhores tradutores e os leva a chamar a cada fita de Milton «o rei de qualquer coisa». E gostaria também de saber se essa doença é incurável...

O assunto desta comédia, estupidamente chamada «O Rei do Nudismo», é divertido e não está mal imaginado. A realização é que nem sempre foi muito acertada, demorando demaziadamente seqüências sem importância e provocando altos e baixos que não são do melhor efeito. Além disso a canção ao pé da estátua tão longa como inútil. Mas, é justamente desta altura em diante que o filme toma um novo impulso e então melhora consideravelmente. O sonho de Milton, felicissimamente imaginado, merece mesmo uma referência especial. É um fragmento de bom cinema que se destaca sensivelmente dentro desta comédia engraçada mas sem grande valor.

O Sinal da Cruz — Há mais dum ano que, precedendo a chegada de «O Sinal da Cruz», se vem gritando aos quatro ventos e por por esse mundo fora, tratar-se do «milagre do cinema»! Claramente que cada qual está no seu legítimo direito de apregoar os disparates que lhe derem na gana, mas eu estou, igualmente, no meu justo direito de não me deixar cair de joelhos... E olhem que à minha atitude não falta atrevimento nem coragem! «O Sinal da Cruz» é uma espécie de monumento erguido perante a pasmaceira das gentes. E isto de faltar ao respeito aos monumentos é grave... Além disso Cecil B. de Mille foi um dos pais

do cinema americano, é um consagrado um senhor que temos de olhar muito de baixo para cima. E para mais, trinta e cinco por cento das senhoras que viram «O Sinal da Cruz», tiveram, durante metade do espectáculo, duas comovidas lágrimas pingando ao canto dos olhos...

Mas vamos por partes. Eu tenho uma grande consideração por C. B. de Mille. Nunca me esqueço que foi ele um dos mais notáveis pioneiros do cinema e que o seu filme «Forfaiture» (não me lembra do título de origem) realizado em 1915, foi a origem da evolução do cinema americano que até essa data não havia dado ainda uma obra de verdadeiro interesse. Mas, tenho a impressão de que C. B. de Mille «criou fama e deixou-se a dormir». E isto é que eu não lhe perdoo! O seu grandioso «Sinal da Cruz» não difere essencialmente de qualquer dos velhos filmes de idêntico género, de há uns bons dez anos. Claro que a técnica, tendo adicionado progresso sobre progresso, é hoje muito diferente da técnica de então... Mas, mesmo assim... De resto, em cinema, como em tudo, convençam-se disto, a técnica não basta.

As últimas obras de Cecil B. de Mille, então, aparentam-se extremamente. Em todas há uma declarada tendência para o monumental, para o grandiloquente, para o super-grandioso. Está aí a sua especialidade. Para dirigir multíplenas, para compôr cenas violentas e movimentadas, para erguer gigantescos décors, ninguém lhe leva a palma. E assim, temos em «O Sinal da Cruz» travelings formidáveis, cenas de conjunto magníficas, filmagens verdadeiramente excepcionais. Mas... é tudo «exterior», e tam óco, tam tristemente inepto, tam ridículo por vezes!... Claro que a maioria do público gosta desta fitas. Tem ali diante de quê escancarar os olhos, tem ali sex-appeal às mãos-cheias, tem combates selvagens, feras por uma pá velha, massacres, orgias, crianças torturadas, cânticos religiosos, e muitas coisas mais! Caramba, tudo isso por seis escudos não se pode dizer que seja caro...

E se no fim de contas me disserem: «O Sinal da Cruz» é um grande espectáculo!...

Eu responderei sinceramente: Pois é.

P. S. — Charles Laughton, no papel de Nero, tem um desempenho digno do seu já comprovado talento.

Estrêla de Valência — O cinema alemão continua em franca decadência. As casas produtoras mais importantes, dia a dia vão deixando baixar o nível artístico dos seus filmes, anunciando lamentavelmente a ruína total do cinema alemão sob o signo da soviética. É pena!

Estrêla de Valência, que forma série com *Estupafecientes* e *O Espião de Veneza*, não vale mais do que essas duas produções. É um filme que se vê sem aborrecimento mas... da mesma forma que se lê um mau livro, do qual, antes de o deitarmos fora, só nos interessa saber como acaba a história. A realização é mediocre e o desempenho insignificante. Briggitt Helm foi muito mal colocada neste filme. É a pior asneira foi terem-na obrigado a cantar...

Dois bons camaradas e Dize-me quem és — Na semana de carnaval estrearam-se estes dois filmes. O seu infimo valor e a falta de espaço dispensam-me de lhe fazer maior referência.




Um «NÚMERO DE VERÃO» formidável



MOVIMENTO vai publicar um grande
«NÚMERO ESPECIAL DE VERÃO».

Entre os seus possuidores serão sorteados:

**uma casa ● um auto-
movel ● um aparelho de
radio ● uma mobilia ● um
piano ● uma máquina de costura
etc. etc. etc.**



**Veja no próximo
número as condi-
ções de inscrição**

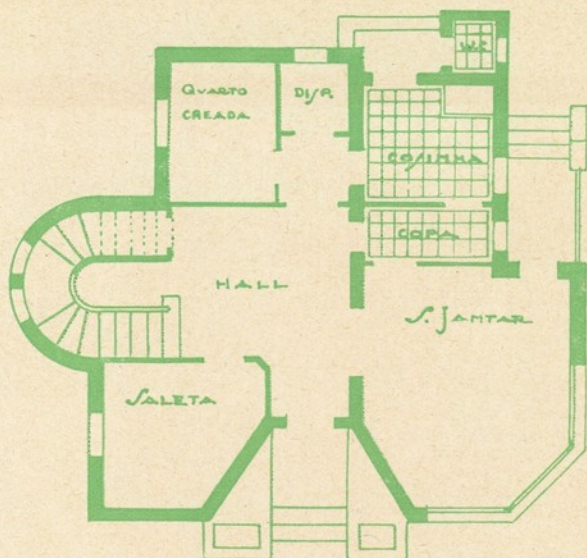


Aqui está a casa que será sorteada entre os possuidores do nosso «Número Especial de Verão». O projecto, moderníssimo, é da autoria do ilustre architecto João Queirós, cujo saber e bom gosto são demasiado conhecidos no nosso país para nos permitirmos a vaidade de pretender proclamá-los.

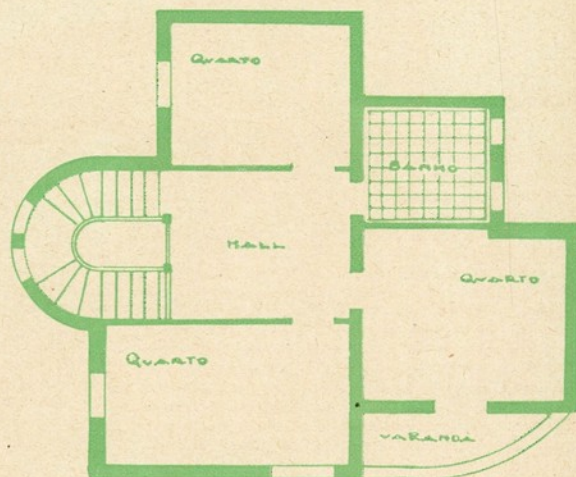
Entre todas as aspirações, a mais justa, a mais lógica, a mais humana, é certamente a de ter uma casa nossa, arranjada ao nosso gosto, alindada pelo nosso esforço constante, pelo nosso trabalho de todos os dias.

A casa que «Movimento» sorteará entre os possuidores do seu «Número Especial de Verão», será construída no local que o premiado designar, sendo além disso pago o terreno, ou entregue em dinheiro a importância que representa a sua aquisição.

E a construção será dirigida pelo architecto autor do projecto, que gentilmente se colocou à disposição de «Movimento» para isso. O mesmo é que poder afirmar de ante-mão ao futuro feliz premiado, que a sua casa será moderna, bem arranjada, confortável e artística, revelando em tudo um bom-gosto que poderá talvez ser igualado mas que não poderá, de modo nenhum, ser ultrapassado.



Planta do rés-do-chão



Planta do primeiro andar

Aqui estão agora as plantas da casa que «Movimento» vai sortear entre os possuidores do seu «NÚMERO DE VERÃO». Por um simples exame se vê o cuidado, a atenção, a sabedoria e o senso prático postos, pelo architecto João Queirós, no seu estudo.

A casa que «Movimento» sorteará entre os seus leitores, será cómoda, moderna e alegre. A sua decoração e a confecção dos mobiliários, poderão ser-nos entregues. Sem trabalho nenhum, portanto, poderá o feliz premiado do nosso sorteio receber a sua casa, pronta a ser habitada.

Com a saída do nosso número de 1 de Março, será aberta a inscrição para o «NÚMERO DE VERÃO». E nêsse mesmo número de 1 de Março serão dadas todas as explicações sôbre essa inscrição, os vários prémios, o sorteio, etc.

A ideia da publicação do «NÚMERO DE VERÃO» já se disse, não é nova. Mas é boa. E nós aproveitámo-la, portanto, com a certeza de que a sua realização constituirá, para nós, um motivo de legítimo orgulho, para os nossos leitores uma alegria, e para o architecto João Queirós que gentilmente se prestou a colaborar connôco, um successo mais a juntar aos inúmeros que o seu nome já possui.

Estação de Serviço

SALA DE ESPERA

Venham cá, raparigas e rapazes, tenho uma novidadezinha que vos deve agradar! Escutem: Coincidindo com a saída deste número, será finalmente apresentado ao público o novo filme português «Gado Bravo».

Vocês serão certamente dos primeiros a ir ver a primeira produção do Bloco H. da Costa. E, sem dúvida, não deixarão de me transmitir, depois, como de costume, o vosso parecer, as vossas opiniões, que eu lerei com o prazer com que recebo sempre as vossas cartas. Mas, desta vez, convidamo-vos a um pequeno concurso. Resolvemos oferecer *cincoenta escudos* de prémio ao autor da carta mais interessante (e mais bem escrita, é claro) que recebermos falando de «Gado Bravo». Além disso, essa carta será publicada num dos seguintes números de «Movimento».

Que dizem vocês?

Acham bem? Então vamos, não tenham vergonha e mãos à obra!

EXPEDIENTE

O PRÍNCIPE NEGRO — O seu postal veio multado por você ter escrito fora do espaço designado para a correspondência. Para outra vez já sabe o que lhe acontece: fica sem resposta, para castigo... Sigfried Arno está de perfeita saúde. A notícia que você leu é falsa e já foi desmentida em várias revistas. Já lhe envie as cartas que aqui tinha por si, se não recebeu uma delas a culpa não foi minha.

CINEMANÍACO — Parabéns pela sua enorme colecção de fotografias! A Nita Brandão não lhe respondeu certamente por ter ido a Paris filmar os interiores de «Gado Bravo». Para Mariana Alves e Olly Gebauer escreva ao cuidado do Bloco H. da Costa, Avenida da Liberdade, Lisboa. Não tenho neste momento as outras direcções que me pede. Talvez lhas possa dar no próximo número. Tenho muita pena mas não costume tratar por tu os meus correspondentes.

PRÍNCIPE DE PICKFAIR — Obrigado pelas suas palavras amigas e pela colecção de interessantes poesias que nos ofereceu. Tenho uma agradável novidade a comunicar-lhe: já mudei por completo a má impressão que a sua primeira «conversa» me havia causado. Continue a escrever-me, lerei com prazer as suas cartas. O Director agradece o interesse que lhe mereceu o seu artigo «Protesto». Desculpe não lhe responder como Você merecia, mas o espaço falta e eu não queria trazer isto muito atrasado.

ANTÓNIO DIEGO — O Director e Alves Costa pedem-me que lhe transmita os seus sinceros agradecimentos pela sua carta amabilíssima e tam cheia de palavras amigas. Agradecemos também a sua adesão à ideia da criação dum club cinematográfico.

DOMADORA DE RUQUINHAS — Você tem uma caligrafia levada dos diabos!... É já velha essa mania de chamar ao cinema «escola de imoralidades». Esses senhores, minha querida amiga, são dos tais que vão direitinhos para o Céu. Se fossemos a dar-lhes importância estavamos arranjados. O melhor é rirmo-nos deles. E olhe que muitos dos que acusam, das piores coisas, o cinema, mal sabem o que é um filme. Mania da perseguição, é o que eles teem... quando não são retintamente parvos. Ha outros

que falam por que se sentem lesados. O que não disseram para aqui os músicos que perderam colocações por causa do sonoro! Mas não lhes valeu de nada. Volte a escrever, terei muito prazer nisso.

MADemoiselle INSENSÍVEL — Não, minha amiga, o novo ano não me trouxe as felicidades que me deseja, mas nem porisso deixo de lhe estar muito grato. Não me lembro de ter estado aqui alguém perguntando por si. Noutro dia é que eu recebi uma carta dum senhor que me pedia, pelas alminhas, que lhe revelasse o seu nome. Você já deve ter visto o que lhe respondi... Obrigado pela sua dedicação por «Movimento», procurando arranjar-nos novos assinantes. Você é uma excelente rapariga, palavra! A carta para «O Príncipe Negro» seguiu no mesmo dia em que a recebi.

VICTOR VERES — Só respondo a parte da sua carta porque os assuntos administrativos não me dizem respeito. Tratam-se directamente com a administração. Tenha paciência, doutra forma arranjavam-se aqui sarilhos do demónios. Vamos a ver se a ideia do club cinematográfico cai em bom terreno. Nós estamos esperançados. As suas considerações sobre a produção nacional são inteligentes. É exactamente como você diz. Obrigado pelas suas palavras de incitamento.

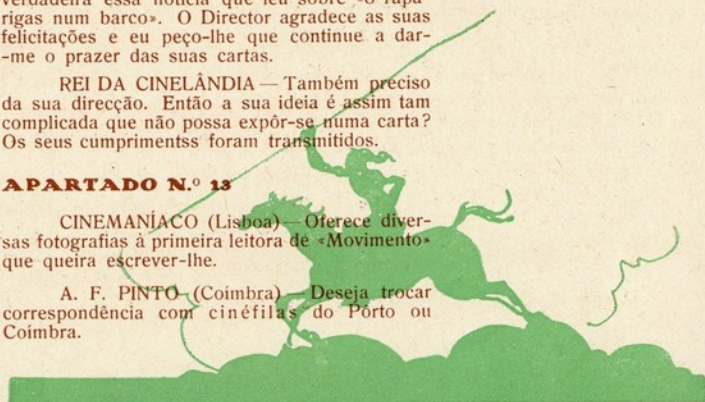
UMA FEIA — Se volta a pedir-me desculpa por me escrever, zango-me consigo. Você mal calcula a desorientação que a crise de público está causando a distribuidores e exibidores. Andam todos «às aranhas». Se os filmes são maus, não teem público... porque os filmes são maus. Se os filmes são bons, não teem público... porque os filmes são bons. Comédias, dramas sentimentais, filmes de gangsters, conflitos sociais, nada contenta o público, e os exibidores já não sabem que lhe dar. Se escolhem um filme bom a valer, o público não lhe liga importância. Se escolhem um filme mau, o público protesta. Que volta se lhe há-de dar? Veja mais isto. O «Impedido», cujo valor você já conhece, não agradou. «Violetas Imperiais», cuja inferioridade você notou, esteve seis semanas em exibição em Lisboa!... Se o público enchesse as salas quando se exibem fitas boas, acredite que os maus filmes passariam em menor número. Eu já não culpo distribuidores e exibidores. Queixo-me do público, que nem ao menos sabe o que quer. René Clair está dirigindo um novo filme intitulado: «O último dos milionários». Ainda não sei quando veremos no Pôrto «O Impedido». Creio que é verdadeira essa notícia que leu sobre «8 raparigas num barco». O Director agradece as suas felicitações e eu peço-lhe que continue a dar-me o prazer das suas cartas.

REI DA CINELÂNDIA — Também preciso da sua direcção. Então a sua ideia é assim tam complicada que não possa expôr-se numa carta? Os seus cumprimentss foram transmitidos.

APARTADO N.º 13

CINEMANÍACO (Lisboa) — Oferece diversas fotografias à primeira leitora de «Movimento» que queira escrever-lhe.

A. F. PINTO (Coimbra) — Deseja trocar correspondência com cinéfilas do Pôrto ou Coimbra.



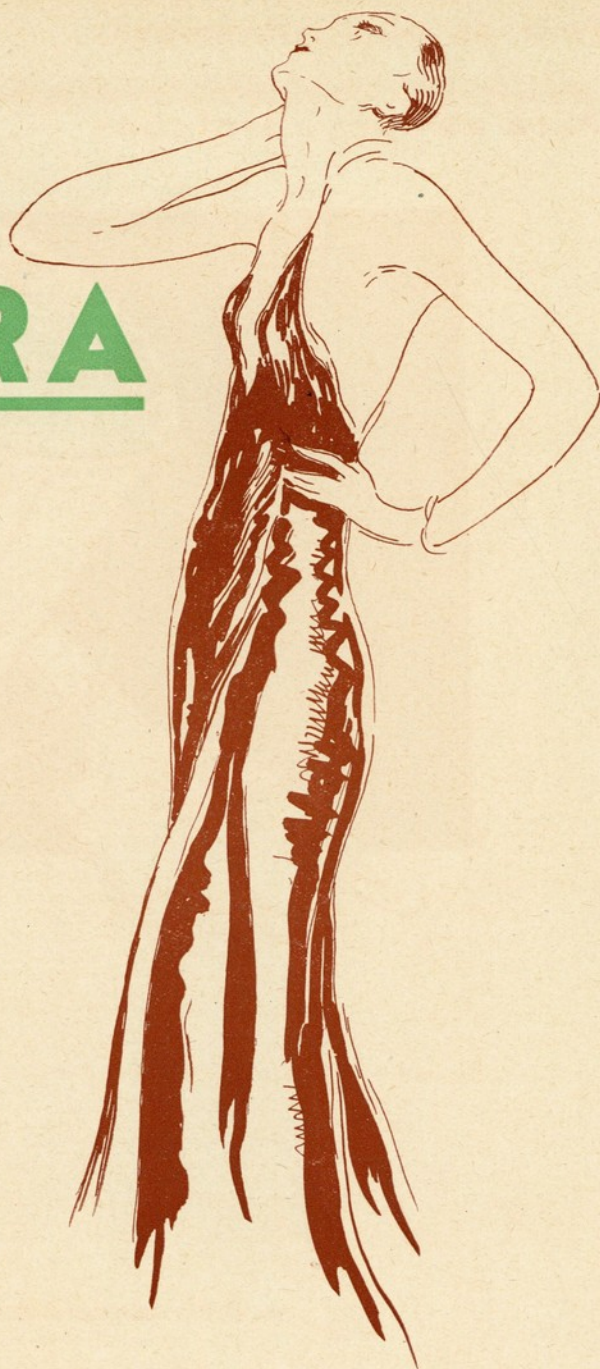
Muraline



**A melhor
tinta a
água**

MÁRIO COSTA & C.A., L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º.
TELEFONE, 2571 — PORTO

ALTA COSTURA



Albano Ramos Pais & Filho

Rua Sá da Bandeira, 166

P O R T O

Para as suas sobremesas

Para as suas refeições

**Se quer ser
bem servido**



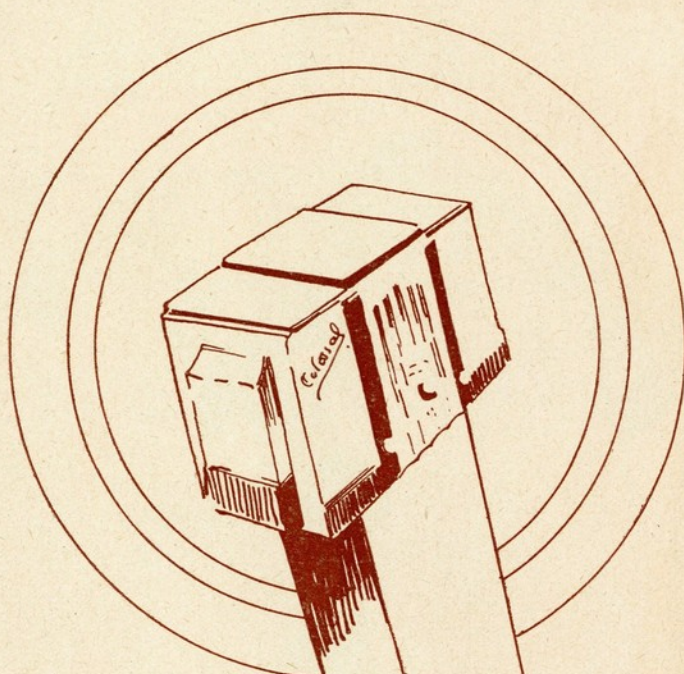
Compre na

CASA

MAIA

Rua Sá da Bandeira, 21 a 29 — PORTO

COLOSSAL RADIO



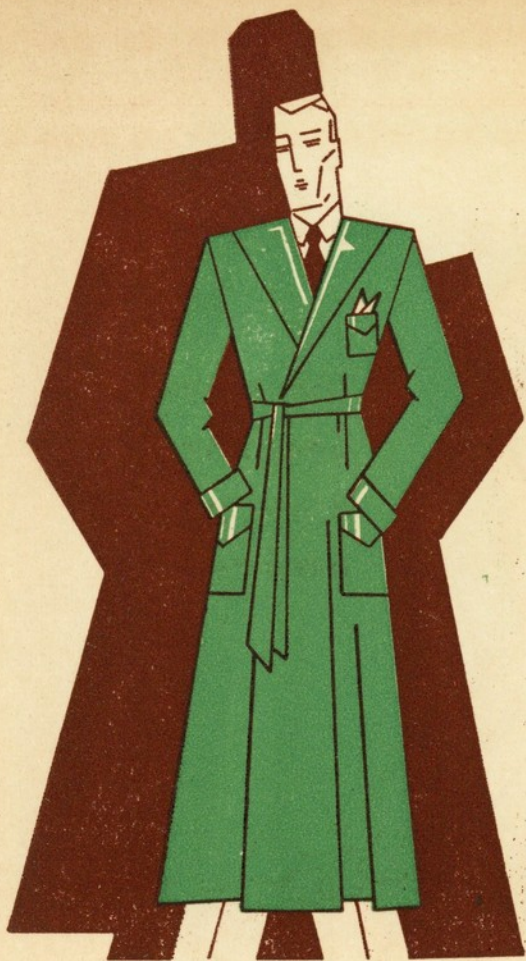
**Um aparelho
pequeno que
é um grande
aparelho.**



Sociedade Comercial Luso Americana, L.^{da}

LISBOA — Rua da Prata, 145

PORTO — R. Sá da Bandeira, 339



Conforto

Elegancia

Economia

SMART **CAMISARIA**

Rua Sá da Bandeira, 115 ~ Telefone, 6300 ~ PORTO



GADO BRAVO

A PRIMEIRA PRODUÇÃO DO
BLOCO H. DA COSTA
